

jogos na noite



SHERRILYN KENYON

Tradução de Rita Guerra

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido



Para o meu marido e os meus filhos, que são o meu mundo. Para todos os meus amigos que se mantêm ao meu lado mesmo nos momentos difíceis: Lo, Janet, Brynna, Tasha, “Nick”, Dara, Ret, Cathy, Donna, Chris, Rebecca e Kim.

Para os fãs dos Predadores da Noite de todo o mundo que fazem prosperar o meu site e os que lhe estão associados e que me oferecem centenas de horas de riso — quem me dera ter espaço para vos listar a todos pelo nome — do fundo do meu coração, obrigada. Para as minhas irmãs da RBL que estão sempre presentes e para os meus leitores que fazem com que tudo valha a pena. Jamais vos poderei agradecer o suficiente.

A Kim e Nancy pelo árduo trabalho e por ainda me permitirem levar os Predadores da Noite até aos longínquos limites da minha imaginação e mais além. E também não me esqueci de vocês, Alethea e Nicole!

Não existem palavras que me permitam expressar o quanto vos adoro a todos e o quanto significam para mim.

Que Deus vos abençoe e proteja. Abraços!



Genesis

VINDE comigo, viajante moderno, recuemos a um tempo envolto em mistério. Recuemos a uma lenda antiga já quase esquecida. Ou pelo menos...

Distorcida.

Podemos encontrar vestígios dela no nosso mundo avançado. Que mortal dos tempos modernos não sabe que deve temer os ruídos estranhos sob a luz da Lua cheia? Temer o uivo do lobo? O grito do falcão? Olhar com cuidado para as mais escuras vielas? Não por medo de predadores humanos mas por medo de algo diferente.

Algo escuro. Perigoso. Algo ainda mais mortal do que os nossos vizinhos humanos.

Mas a raça humana nem sempre teve este medo. Na verdade já houve um tempo, há muito passado, em que os humanos eram humanos e os animais eram animais.

Até ao dia do *Allagi*. Dizem que o nascimento dos Predadores do Homem, como o de quase todos os grandes flagelos, começou com a melhor das intenções.

O rei Licáon de Arcádia não fazia ideia, quando casou, que a sua amada rainha não era humana. A sua esposa guardava dentro de si um tenebroso segredo. Tinha nascido da maldita raça *apollite* e estava condenada a morrer no auge da juventude... aos vinte e sete anos.

Só no dia do seu derradeiro aniversário, quando viu a amada sofrer uma morte horrível, de velhice, Licáon compreendeu que os dois filhos que ela gerara cedo se lhe juntariam no túmulo.

Ferido pela dor, apelara aos seus sacerdotes que lhe disseram que não havia nada a fazer. Que o destino era o destino.

Mas Licáon recusou-se a aceitar a sabedoria deles. Afinal ele era um feiticeiro e estava determinado a não deixar que alguém lhe tomasse os filhos. Nem mesmo as Parcas.

E, assim, lançou-se em experiências com a sua magia por forma a prolongar a vida do povo da sua esposa. Tendo-os capturado, fundiu, por artes mágicas, a sua essência com a de vários animais que eram conhecidos pela sua força: ursos, panteras, leopardos, falcões, leões, tigres, chacais, lobos e até dragões.

Passou anos a aperfeiçoar a nova raça, até estar, por fim, certo de que encontrara a cura para os seus filhos. Misturando-os com um dragão e um lobo, os animais mais fortes que utilizara nas suas experiências, imbiu-os de mais força e magia do que quaisquer outros. Na verdade, concedeu aos filhos o seu próprio poder.

No fim, recebeu mais do que o que tinha desejado. Os filhos não só tinham vidas mais longas do que a da sua esposa, como tinham vidas mais longas do que a de qualquer espécie conhecida.

Com as suas habilidades mágicas e a sua força animal, viviam dez a doze vezes mais do que qualquer ser humano.

As Parcas olharam para a Terra e viram o que o orgulhoso rei tinha feito. Furiosas com tal interferência no seu domínio, as Parcas decretaram que ele deveria matar os seus filhos e todos os outros como eles.

Licáon recusou.

Então as Parcas procuraram a sua própria forma de castigo para tamanha arrogância. Os filhos dele e todos os outros como eles receberam uma nova maldição.

— Nunca existirá paz entre os teus filhos — proclamou Cloto, a Parca que faz girar o fuso da vida. — Passarão a eternidade em ódio e luta, até ao dia em que o último entre eles deixar de respirar.

E assim foi. Sempre que Licáon fundia um animal e um ser humano, criava, na verdade, dois seres. Um ser de coração animal e um ser de coração humano.

Àqueles que andavam como homens e que possuíam corações humanos chamaram Arcadianos, tal como o povo de Licáon. Àqueles que possuíam corações animais chamaram Katagaria.

Os Katagaria nasceram animais e como animais viveram. No entanto, ao atingir a puberdade, quando as suas hormonas provocavam a libertação dos poderes mágicos, tornavam-se capazes de se transformar em seres humanos, pelo menos na aparência. Os seus corações animais mantinham o controlo sobre as suas ações.

Da mesma forma, os Arcadianos nasciam humanos e como humanos viviam até a puberdade trazer consigo a magia e a capacidade de assumirem forma animal.

Dois lados de uma mesma moeda, duas espécies que deveriam viver em paz. Em vez disso, a deusa enviou a Discórdia para semear entre elas a desconfiança. Os Arcadianos sentiam-se superiores aos seus primos humanos. Afinal, eles eram humanos, capazes da racionalidade humana, ao passo que os Katagaria não passavam de animais capazes de assumir a forma humana.

Os Katagaria depressa aprenderam que os Arcadianos não eram honestos nas suas intenções e que podiam dizer uma coisa para depois fazer outra.

Ao longo dos tempos, os dois grupos caçaram-se um ao outro, reclamando para si a superioridade moral. Os animais acreditavam que os Arcadianos eram a verdadeira ameaça, ao passo que os Arcadianos acreditavam que os Katagaria deviam ser controlados ou aniquilados.

Era uma guerra sem fim.

E como todas as guerras, nunca houve um verdadeiro vencedor. Apenas vítimas que continuavam a sofrer devido aos preconceitos e ao ódio infundado.

Prólogo

NOVA ORLEÃES,
NOITE DE CARNAVAL, 2003

— **LAMENTO** muito, Vane. Juro que não queria que nos matassem assim.

Vane Kattalakis cerrou os dentes, enquanto desistia de se tentar levantar. Os braços doíam-lhe do esforço de erguer os seus noventa quilos de músculo sem usar nada mais do que os ossos dos pulsos. De cada vez que se encontrava perto de erguer o corpo até ao ramo sobre a cabeça, o irmão começava a falar, o que lhe quebrava a concentração e levava a que voltasse a tombar para a anterior posição.

Inspirou fundo, tentando ignorar a dor atroz nos pulsos.

— Não te preocupes, Fang. Eu tiro-nos daqui.

De alguma forma.

Assim o esperava.

Fang não o ouviu. Em vez disso continuou a pedir desculpas por lhes ter provocado a morte.

Vane voltou a exercer tensão contra a corda afiada que lhe prendia as mãos juntas, acima da cabeça, e se enrolava num ramo estreito, fazendo com que pendesse, de forma precária, de um antigo cipreste sobre a água pantanosa mais escura e ameaçadora que alguma vez vira. Não sabia o que era pior, a ideia de perder as mãos, a vida, ou a de cair naquele nojento buraco viscoso repleto de aligátors.

Para ser sincero, preferia morrer a tocar naquele fedor. Mesmo na escuridão do *bayou* do Luisiana, podia ver como era pútrido e revoltante.

Havia algo de muito errado com alguém que quisesse viver ali, na-

quele pântano. Por fim, tinha a confirmação de que Talon dos Morigantes era um idiota de primeira.

O irmão, Fang, estava preso a um ramo igualmente fino, do outro lado da árvore de onde balançavam, fantasmagoricamente, por entre os gases do pântano, as cobras, os insetos e os aligátors.

Cada movimento de Vane fazia com que a corda lhe cortasse mais profundamente a carne dos pulsos. Se não os conseguisse libertar em breve, a corda acabaria por cortar através dos tendões e dos ossos até lhe decepar completamente as mãos.

Aquilo era a *timoria*, o castigo, que estavam a receber pelo facto de Vane ter protegido a mulher de Talon; de Vane se ter atrevido a ajudar os Predadores da Noite. Os *daemon* sem alma que estavam em guerra com os Predadores da Noite tinham atacado a matilha Katagaria de Vane e matado a sua querida irmã.

Os Katagaria eram animais que podiam assumir forma humana e seguiam uma lei básica da natureza: matar ou ser morto. Se alguém ou alguma coisa ameaçasse a segurança da matilha, era eliminado.

Por isso Vane, que tinha provocado o ataque *daemon*, fora sentenciado a ser espancado e deixado como morto no pântano. Fang estava com ele apenas porque o seu pai os odiava a ambos desde a hora em que tinham vindo ao mundo e os temia desde o dia em que os seus poderes sobrenaturais tinham sido libertos pelas hormonas pubescentes.

Mais do que isso, o pai odiava-os pelo que a mãe deles lhe tinha feito.

Aquela era uma oportunidade única para o pai se ver livre de ambos sem que a matilha lhe aplicasse uma sentença de morte.

E o pai tinha-a aproveitado de bom grado.

Seria o último erro que o seu pai cometeria.

Ou, pelo menos, assim seria se Vane conseguisse tirá-los daquele pântano maldito sem serem comidos.

Ambos se encontravam sob forma humana e presos pelas finas coleiras de prata, os *metriazo*, que usavam em redor do pescoço e que lançavam minúsculos impulsos iónicos através dos seus corpos. As coleiras mantinham-nos presos nas suas formas humanas. Algo que, pensavam os seus inimigos, os tornaria mais fracos.

No caso de Fang, isso era verdade.

No caso de Vane, não o era.

Ainda assim, a coleira interferia com a sua capacidade de utilizar a magia e manipular as leis da natureza. E isso estava a deixá-lo verdadeiramente irritado.

Tal como Fang, Vane envergava apenas um par de calças de ganga ensanguentadas. A camisa tinha-lhe sido arrancada para o espancamento e

as botas só para o chatear. Claro que ninguém esperava que eles sobrevivessem. As coleiras só podiam ser removidas por magia — algo que nenhum dos dois podia utilizar enquanto as estivesse a usar — e mesmo que, por um qualquer milagre, fossem capazes de descer da árvore, era grande o grupo de aligátors que tinha sentido o cheiro do seu sangue. Aligátors que apenas esperavam que eles caíssem para o pântano e, assim, lhes providenciassem uma saborosa refeição de lobo.

— Meu — disse Fang, irritado. — O Fury tinha razão. Nunca se deve confiar em algo que sangra durante cinco dias e não morre. Eu devia ter-te dado ouvidos. Disseste-me que a Petra era cadela que gostava de levar com três lobos ao mesmo tempo, mas será que te ouvi? Não. E agora olha para nós! Juro, se sairmos daqui, vou matá-la!

— Fang! — gritou Vane ao irmão que continuava a resmungar, enquanto Vane tentava controlar alguns dos seus poderes, apesar dos dolorosos choques elétricos da coleira. — Importas-te de parar com o Festival da Culpa e deixar que eu me concentre? Caso contrário, vamos ficar pendurados nesta árvore maldita para o resto da eternidade.

— Bem, não para o resto da eternidade. Pelos meus cálculos só temos cerca de meia hora antes que as cordas cortem através dos nossos pulsos. Por falar nisso, os meus pulsos doem-me mesmo. E os teus? — Fang fez uma pausa, enquanto Vane inspirava profundamente e sentia um pequeno movimento da corda a soltar-se.

Também ouviu o ramo estalar.

Com o coração a bater apressado, Vane olhou para baixo e viu um aligátor gigantesco que o fitava das profundezas sombrias. Vane daria qualquer coisa em troca de três segundos dos seus poderes para fritar o palerma ganancioso.

Fang não pareceu reparar em qualquer uma das ameaças.

— Juro que nunca mais te vou dizer para ires passear. A próxima vez que me disseres alguma coisa, vou ouvir, em especial se disser respeito a uma mulher.

Vane rosnou:

— Então podias começar por ouvir quando te digo para te calares?

— Eu tenho estado calado. Mas odeio estar sob forma humana. É uma porcária. Como é que aguentas?

— Fang!

— O quê?

Vane revirou os olhos. Era escusado. Quando o irmão se encontrava sob forma humana, a única parte do seu corpo a ser exercitada era a língua. Porque é que a matilha não amordaçara Fang antes de o pendurar?

— Sabes, se estivéssemos sob a forma de lobos, podíamos roer as

patas. Claro que se estivéssemos sob a forma de lobos, as cordas não nos segurariam, por isso...

— Cala-te — gritou Vane, mais uma vez.

— A sensação regressa às mãos depois de ficarem assim dormentes? Isto não acontece quando somos lobos. Acontece muito aos humanos?

Vane fechou os olhos, revoltado. Então era assim que a sua vida ia terminar. Não numa batalha gloriosa contra um inimigo ou contra o seu pai. Não calmamente enquanto dormia.

Não, o último som que ouviria seria a voz de Fang a lamuriar-se.

Já era de esperar.

Inclinou a cabeça para trás para poder ver o irmão através da escuridão.

— Sabes, Fang, vamos distribuir as culpas por um instante. Estou mais do que farto de estar aqui pendurado por causa da tua maldita bocarra que decidi contar ao teu mais recente brinquedo de roer que eu estive a guardar a companhia de um Predador da Noite. Muito obrigado por não saberes quando ficar calado.

— Pois bem, como é que querias que eu soubesse que a Petra ia correr para o pai e contar-lhe que tinhas estado com a Sunshine e que foi por isso que os *daemon* nos atacaram? Cadela de duas caras. A Petra disse que queria acasalar comigo.

— Todas elas querem acasalar contigo, idiota, faz parte da natureza da nossa espécie.

— Vai-te lixar!

Vane suspirou de alívio quando Fang se calou, por fim. A raiva do irmão garantir-lhe-ia uma pausa de cerca de três minutos, enquanto Fang fervia em busca de uma resposta mais criativa e articulada.

Entrelaçando os dedos, Vane ergueu as pernas. A dor atravessou-lhe os braços quando a corda se enterrou ainda mais na sua carne humana. Rezava apenas para que os seus ossos aguentassem um pouco mais sem ceder.

O sangue correu em maior quantidade pelos seus antebraços enquanto erguia as pernas na direção do ramo sobre a sua cabeça.

Se as conseguisse passar... em redor...

Tocou na madeira com o pé descalço. A casca, fria e áspera, raspava-se-lhe contra a suave parte de cima do pé. Passou o tornozelo sobre a madeira.

Só mais... um pouco...

Mais.

Fang rosnou-lhe.

— És um verdadeiro idiota...

Bem, lá se foi a criatividade.

Vane concentrou a sua atenção no bater rápido do próprio coração e recusou-se a ouvir os insultos de Fang.

De cabeça para baixo, passou uma perna sobre o ramo e expeliu o ar. Vane rosou de alívio quando os pulsos ensanguentados e latejantes foram quase por completo libertos do seu peso. Arquejou de exaustão, enquanto Fang prosseguia com o seu monólogo ignorado.

O ramo estalou perigosamente.

Vane susteve de novo a respiração, temendo mover-se não fosse o ramo partir-se em dois, lançando-o para as águas pantanosas, verdes e pútridas, sob ele.

De súbito, os aligátors remexeram-se nas águas, depois afastaram-se velozes.

— Oh, merda — silvou Vane.

Aquilo não era bom sinal.

Ele só conhecia duas coisas capazes de afastar crocodilos. Uma era se o Predador da Noite chamado Talon, que vivia no pântano, tivesse regressado a casa e os tivesse chamado. Mas como Talon estava no Bairro Francês a salvar o mundo e não no pântano, isso era algo que parecia muitíssimo improvável.

A outra opção, bem menos apelativa, eram os *daemon*: os mortos-vivos, condenados a matar para manterem as suas vidas, prolongadas de forma artificial. A única coisa que se orgulhavam de matar mais do que os seres humanos eram os Predadores do Homem. Como os Predadores do Homem tinham vidas que se estendiam ao longo de vários séculos e poderes mágicos, as suas almas podiam alimentar um *daemon* dez vezes melhor do que as dos seres humanos comuns.

Ainda mais impressionante, uma vez reclamada a vida de um Predador do Homem, os seus poderes mágicos eram absorvidos pelo corpo do *daemon*, permitindo-lhe usá-los contra outros.

Era uma dívida especial ser uma guloseima “energética” para os mortos-vivos.

Só havia uma razão para a presença dos *daemon*. Só havia uma maneira de serem capazes de o encontrar e a Fang naquele pântano isolado, onde os *daemon* não entravam sem motivo. Alguém os tinha oferecido aos dois em sacrifício, para que os *daemon* deixassem em paz a matilha Katagaria.

E ele não tinha qualquer dúvida sobre quem tinha tomado essa decisão.

— Maldito sejas! — rosou Vane para a escuridão, sabendo que o pai não o poderia ouvir. Mas precisando, ainda assim, de o dizer.

— O que é que eu te fiz? — perguntou Fang, indignado. — Bem, para além de fazer com que morresses.

— Não és tu — disse Vane, enquanto lutava para erguer a outra perna o suficiente para libertar as mãos.

Algo saltou do pântano para a árvore acima dele.

Vane contorceu o corpo e viu o *daemon* alto e magro que se erguia logo acima dele, olhando para baixo com um brilho divertido nos olhos esfomeados.

Todo vestido de preto, o *daemon* louro fez estalar a língua.

— Devias estar feliz por nos ver, lobo. Afinal, só te queremos libertar.

— Vai para o Inferno! — rosnou Vane.

O *daemon* riu.

Fang uivou.

Vane virou-se e viu um grupo de dez *daemon* a descer Fang da árvore. Maldição! O irmão era um lobo. Não sabia como lutar com eles sob forma humana sem usar os seus poderes, algo que não podia fazer enquanto usasse a coleira.

Furioso, Vane ergueu as pernas de forma repentina. O ramo partiu-se de imediato, lançando-o para as águas estagnadas.

Vane susteve a respiração quando o odor pútrido e viscoso lhe invadiu as narinas. Tentou usar as pernas para se impelir para a superfície, mas não foi capaz.

Não que isso importasse. Alguém o agarrou pelos cabelos e o puxou para a superfície.

Mal a sua cabeça ficou fora de água, um *daemon* enterrou as presas no ombro nu de Vane. Rosnando de raiva, Vane deu uma cotovelada nas costelas do *daemon* e usou os próprios dentes para devolver a dentada.

O *daemon* guinchou e soltou-o.

— Este dá luta — disse uma fêmea enquanto avançava na direção dele. — Vai garantir-nos mais alimento do que o outro.

Vane deu-lhe um pontapé nas pernas antes que ela fosse capaz de o agarrar. Usou o corpo tombado como trampolim para sair da água. Como qualquer lobo, as suas pernas eram suficientemente fortes para o impelirem da água para os pneumatóforos nas redondezas.

O cabelo escuro, molhado, caía-lhe sobre o rosto enquanto o corpo latejava da luta e do espancamento que a matilha lhe dera. O luar brilhava no seu corpo musculoso e molhado, enquanto se agachava, uma mão pousada no velho pneumatóforo cuja silhueta se erguia contra o pano de fundo do pântano. O escuro musgo espanhol pendia das árvores enquanto a Lua cheia, envolta em nuvens, lançava o seu reflexo fantasmagórico nas aveludadas ondas negras do pântano.

Como o animal que era, Vane observou os inimigos que se reuniam à sua volta. Não estava disposto a entregar-se ou a entregar Fang àqueles degenerados. Podia não estar morto mas estava tão amaldiçoado quanto eles e ainda mais lixado com o destino.

Levando as mãos à boca, Vane usou os dentes para roer a corda que lhe envolvia os pulsos e libertar as mãos.

— Vais pagar por isto — disse um *daemon* macho que avançava na sua direção.

Com as mãos libertas, Vane deu um mortal para trás, lançando-se do toco para a água. Mergulhou nas profundezas sombrias até conseguir partir um pedaço de madeira de uma árvore caída que ali se encontrava enterrada. Usou as pernas para se deslocar de novo para a zona onde Fang era mantido preso.

Saiu da água mesmo ao lado do irmão e descobriu que dez *daemon* diferentes se estavam a alimentar do sangue de Fang.

Afastou um com um pontapé, apanhou outro pelo pescoço e mergulhou a estaca improvisada no coração do *daemon*. A criatura desintegrou-se de imediato.

Os outros viraram-se contra ele.

— Tirem senha — rosnou-lhes Vane. — Há que chegue para todos.

O *daemon* que se encontrava mais próximo riu.

— Os teus poderes estão presos.

— Diz isso ao cangalheiro — disse Vane quando se lançou na sua direção. O *daemon* saltou para trás, mas não foi o suficiente. Habitado a lutar contra humanos, não teve em conta o facto de Vane ser fisicamente capaz de saltar a uma distância dez vezes superior.

Vane não precisava dos seus poderes psíquicos. A sua força animal era suficiente para acabar com aquilo. Golpeou o *daemon* e voltou-se para enfrentar os restantes enquanto aquele se evaporava.

Correram todos na sua direção ao mesmo tempo, mas não resultou. Metade do poder de um *daemon* reside na sua capacidade para atacar sem aviso e para provocar o pânico nas suas vítimas.

A estratégia teria funcionado não fosse pelo facto de Vane, como primo dos *daemon*, a ter aprendido desde o berço. Não havia nada neles que lhe pudesse induzir medo.

Todas as suas táticas não faziam mais do que torná-lo desapaixonado e determinado.

E, no final, isso faria com que saísse vitorioso.

Vane abriu caminho através de outros dois, com a sua estaca, enquanto Fang permanecia imóvel nas águas. Começou a entrar em pânico mas forçou-se a manter a calma.

A calma era a única forma de ganhar uma luta.

Um dos *daemon* apanhou-o com um raio que o lançou aos trambolhões sobre a água. Vane colidiu com um toco e gemeu com a dor que lhe explodia nas costas.

Por hábito, respondeu com os seus próprios poderes, mas tudo o que sentiu foi a coleira apertar-se e lançar-lhe um choque. Praguejou devido à nova dor, depois ignorou-a.

Levantando-se, atirou-se aos dois machos que se dirigiam ao seu irmão.

— Desiste de uma vez — rosnou um dos *daemon*.

— Porque não desistem vocês?

O *daemon* saltou. Vane mergulhou e puxou os pés do *daemon*. Lutaram dentro de água até Vane lhe conseguir espetar a estaca no peito.

Os restantes fugiram.

Vane ergueu-se na escuridão, ouvindo-os chapinhar para longe de si. Sentia o bater do coração nos ouvidos enquanto permitia que a raiva o consumisse. Atirando a cabeça para trás, soltou um uivo de lobo que ecoou, fantasmagórico, através do *bayou* enevado.

Inumano e ameaçador, era o tipo de som capaz de fazer até os maiores especialistas em vudu correr em busca de abrigo.

Seguro de que os *daemon* tinham partido, Vane afastou o cabelo molhado dos olhos enquanto avançava para Fang que ainda não se tinha movido.

Vane sentiu que a dor o sufocava enquanto avançava aos tropeções, cego, através das águas, com um único pensamento na sua mente... *Não estejas morto.*

Vezen sem conta, na sua mente, viu o corpo sem vida da irmã. Sentiu o seu frio contra a pele. Não os podia perder aos dois. Não podia.

Isso matá-lo-ia.

Pela primeira vez na vida quis ouvir um dos comentários parvos de Fang.

Qualquer coisa.

As imagens surgiam-lhe na mente enquanto recordava a morte da irmã, no dia anterior, às mãos dos *daemon*. Uma dor inimaginável rasgou através dele. Fang tinha de estar vivo. Tinha de estar.

— Por favor, Deus — sussurrou enquanto reduzia a distância entre eles. Não podia perder o irmão.

Não assim...

Os olhos de Fang estavam abertos, fitando, sem ver, a Lua cheia, que lhes teria permitido saltar no tempo, para fora daquele pântano, não fora pelo facto de estarem a usar as coleiras.

—
—
Todo ele estava coberto de feridas de dentadas.
Uma dor forte e profunda rasgou através de Vane, partindo-lhe o coração em mil pedaços.

— Vamos, Fang, não estejas morto — disse, a voz a vacilar enquanto se esforçava por não chorar. Em vez disso, rosnou: — Não te atrevas a morrer, palerma.

Puxou o irmão para si e descobriu que não estava morto. Ainda respirava e tremia descontroladamente. Fraco e rouco, o som oco da respiração de Fang era uma sinfonia para os ouvidos de Vane.

As lágrimas soltaram-se quando o alívio o invadiu. Embalou Fang suavemente nos seus braços.

— Vamos, Fang — disse na quietude. — Diz qualquer coisa estúpida. Mas Fang não falou. Ficou simplesmente deitado, em choque absoluto, a tremer nos braços de Vane.

Pelo menos estava vivo.

Por enquanto.

Vane cerrou os dentes, enquanto a raiva o consumia. Tinha de tirar dali o irmão. Descobrir um lugar seguro para ambos.

Se é que existia um tal sítio.

Com a raiva liberta, fez o impossível, arrancou o colar de Fang com as mãos nuas. Fang transformou-se imediatamente em lobo.

Ainda assim, Fang não acordou. Não piscou os olhos, nem ganiu.

Vane engoliu o nó doloroso que sentia na garganta e lutou contra as lágrimas que lhe picavam os olhos.

— Está tudo bem, irmãozinho — sussurrou a Fang enquanto o retirava das águas pestilentas. O peso do lobo castanho era enorme, mas Vane não se importou. Ignorou o seu próprio corpo, que protestava por transportar Fang.

Enquanto respirasse, ninguém voltaria a magoar alguém de quem Vane gostava.

E ele traria a morte a qualquer um que o tentasse.

Capítulo

UM

BOUTIQUE LILAC AND LACE, EM IBERVILLE
BAIRRO FRANCÊS
OITO MESES DEPOIS

ATORDOADA, Bride McTierney fitava a carta que tinha na mão e piscava os olhos. Voltou a piscá-los.

Aquilo não podia dizer o que ela pensava que dizia.

Podia?

Seria uma piada?

Mas, enquanto a lia pela quarta vez, soube que não era. O filho da mãe idiota e covarde tinha posto um fim ao relacionamento por correio pago por ela.

Desculpa, Bride,

Mas preciso de uma mulher que se adeque melhor à minha imagem de celebridade. Vou longe e preciso de uma mulher ao meu lado que me ajude, não que me atrase. Vou pedir que entreguem as tuas coisas no teu prédio. Eis algum dinheiro para um quarto de hotel, caso não tenhas nenhum quarto livre.

*Tudo de bom,
Taylor*

— Seu cão patético, idiota, sarnento — rosou, enquanto voltava a ler e a dor a invadia tão profundamente que quase não conseguia evitar as lágrimas. O namorado de cinco anos estava a acabar tudo com ela... através de uma carta que tinha cobrado na conta da empresa dela?

— Que ardas no Inferno, sua cobra imunda! — rosou.

Normalmente, Bride preferia cortar a própria cabeça a praguejar mas aquilo... aquilo merecia uma linguagem mais forte.

E um machado no meio da cabeça do ex-namorado.

Lutou contra a vontade de gritar. Ou melhor, contra a necessidade de se enfiar no SUV, acelerar até à estação de televisão onde ele trabalhava e parti-lo em pequenos pedaços sangrentos.

Maldito fosse!

Uma lágrima rolou-lhe pela face. Bride limpou-a e fungou. Não ia chorar por causa daquilo. Ele não valia a pena.

Não valia mesmo e, no fundo de si, não estava verdadeiramente surpreendida. Durante os últimos seis meses apercebera-se do que estava para vir. Sentira-o de cada vez que Taylor lhe pedia que fizesse outra dieta ou a inscrevia num qualquer programa de exercícios.

Já para não falar do importante jantar, há duas semanas, no Aquário, ao qual ele lhe dissera que seria preferível comparecer sozinho. “Não vale a pena teres de te aperaltar só por causa de algo tão aborrecido. A sério. É melhor que eu vá sozinho.”

Ela percebeu, mal ele acabou de falar, que Taylor não estaria por perto durante muito mais tempo.

Ainda assim, doía. Ainda assim, ela sofria. Como é que ele podia ter feito tal coisa?

Assim! pensou furiosa, enquanto agitava a carta como uma lunática, no meio da loja.

Mas ela já sabia. Taylor nunca fora verdadeiramente feliz com ela. A única razão porque começara a sair com Bride fora por a sua prima ser uma das gerentes da estação de televisão local. Taylor queria trabalhar lá e, como uma palerma, ela tinha-o ajudado a consegui-lo.

Agora que ele estava instalado, em segurança, na sua posição, com as audiências no topo, fazia-lhe aquela gracinha.

Ótimo. Ela também não precisava dele.

Estava melhor sem ele.

Mas nem todos os argumentos do mundo acalmavam a dor, amarga e horrível, que sentia no peito e que lhe pedia que se enrolasse numa bola e chorasse até ficar exausta.

— Não o farei — disse ela, limpando outra lágrima. — Não lhe darei a satisfação de chorar.

Deitando fora a carta, agarrou no aspirador com um movimento feroz. A sua pequena *boutique* precisava de uma limpeza.

Ainda agora aspiraste.

E podia continuar a fazê-lo até o maldito tapete estar no fio.

...

VANE Kattalakis sentia-se péssimo. Tinha acabado de deixar o gabinete de Grace Alexander onde a boa — e usava essa palavra com todo o rancor — terapeuta lhe dissera que não havia nada no mundo que lhe pudesse curar o irmão, enquanto este não quisesse ser curado.

Não era isso que precisava de ouvir. Essas tretas psiquiátricas eram para os humanos, não eram para lobos que tinham de tirar o rabo do caminho se não o quisessem perder.

Desde que Vane se arrastara para fora do pântano com o irmão, na noite de Carnaval, que se tinham escondido no Santuário, um bar que pertencia a um grupo de ursos Katagaria que recebiam de braços abertos todos os vadios, qualquer que fosse a sua natureza: humana, *daemon*, *apollite*, Predadores da Noite, Predadores dos Sonhos ou Predadores do Homem. Desde que mantivessem a paz e não ameaçassem ninguém, os ursos permitiam a todos que ali ficassem. E que vivessem.

Mas, independentemente do que lhe dissessem os ursos Peltiers, ele sabia a verdade. Tanto ele como Fang viviam sob uma sentença de morte e não existia nenhum lugar seguro para eles. Tinham de se pôr a andar antes que os companheiros de matilha percebessem que ainda estavam vivos.

Assim que isso acontecesse, seria enviada uma equipa de assassinos atrás deles. Vane podia lutar contra eles, mas não se tivesse de arrastar atrás de si um lobo comatoso, de cinquenta e quatro quilos.

Precisava que Fang estivesse acordado e alerta. Acima de tudo, precisava que o irmão estivesse disposto a lutar outra vez.

Mas nada parecia chegar a Fang, que ainda não se mexera da cama. Nada.

— Sinto a tua falta, Fang — sussurrou baixinho, enquanto sentia a garganta apertada de dor. Era tão difícil percorrer o mundo sozinho. Não ter ninguém com quem falar. Ninguém em quem confiar.

Queria tanto ter o irmão e a irmã de volta que, de bom grado, venderia a alma por eles.

Mas agora ambos tinham partido. Não lhe restava ninguém. Ninguém.

Suspirando, enfiou as mãos nos bolsos e virou para Iberville, enquanto atravessava o Bairro Francês.

Já nem sabia ao certo porque é que ainda se importava. Mais valia deixar que o levassem. Que diferença é que fazia?

Mas Vane passara toda a vida a lutar. Era tudo o que conhecia ou compreendia.

Não podia fazer como Fang, deitar-se e esperar a morte. Tinha de haver algo no mundo capaz de chegar ao irmão.

Algo que os fizesse a ambos desejar viver, outra vez.

Vane parou quando se aproximou de uma das lojas de artigos femininos que enchiam o Bairro Francês. Tratava-se de um edifício grande, de tijolo vermelho, com decorações a preto e bordeaux. Toda a fachada principal era de vidro e revelava o interior da loja, repleto de artigos de renda, femininos e delicados, e recordações para mulheres.

Mas não fora a mercadoria que o fizera parar.

Fora *ela*.

A mulher que pensara que nunca mais voltaria a ver.

Bride.

Só a tinha visto uma vez e, mesmo então, apenas por breves instantes, quando protegia Sunshine Runningwolf, em Jackson Square, enquanto a artista vendia os seus trabalhos aos turistas. Ignorando-o, Bride tinha-se aproximado de Sunshine e as duas tinham conversado durante alguns minutos.

Depois Bride saíra por completo da sua vida. Embora tivesse desejado segui-la, Vane sabia que não o devia fazer. Os seres humanos e os lobos não se misturavam.

Ainda menos lobos com uma vida tão lixada como a dele.

Por isso mantivera-se quieto, mesmo enquanto todas as moléculas do seu corpo lhe gritavam que fosse atrás dela.

Bride era a mulher mais bela que Vane alguma vez vira.

Continuava a sê-lo.

O longo cabelo castanho estava preso num carrapito desalinhado, no cimo da cabeça, que deixava de fora alguns caracóis que lhe acariciavam o rosto de porcelana. Usava um longo vestido preto, que lhe esvoaçava em redor do corpo enquanto empurrava um aspirador de um lado para o outro.

Todos os instintos animais do corpo de Vane ganharam vida, com um rugido, quando a viu outra vez. Era uma sensação primitiva. Exigente.

Carregada de *desejo*.

E recusava-se a dar ouvidos à razão.

Contra a sua vontade, deu por si a avançar na direção dela. Só quando abriu a porta bordeaux se apercebeu de que ela estava a chorar.

Sentiu que uma raiva feroz o invadia. Já era suficientemente mau que a sua vida fosse uma porcária, a última coisa que queria era ver alguém como ela a chorar.

BRIDE parou de mexer o aspirador e ergueu os olhos quando ouviu alguém entrar na loja. Sentiu a respiração prender-se-lhe na garganta. Nunca na sua vida tinha visto homem mais belo.

Nunca.

À primeira vista o cabelo dele era castanho-escuro mas, na verdade, tinha todas as cores: cinza, cobre, preto, castanho, mogno, até um pouco de louro. Ela nunca vira um cabelo assim em ninguém. Longo e ondulado, estava puxado para trás e preso num rabo-de-cavalo sensual.

Ainda melhor, a t-shirt, branca e justa, revelava um corpo que a maioria das mulheres só via nos melhores anúncios de revistas. Era um corpo feito para o sexo. Alto e esguio, aquele corpo implorava a qualquer mulher que o acariciasse só para ver se era tão rijo e perfeito como parecia.

As feições belas eram duras, cinzeladas, e a barba de um dia cobria-lhe o rosto. Era o rosto de um rebelde que não se preocupava com as modas mais recentes... que vivia a vida nos seus próprios termos. Era óbvio que ninguém dizia àquele homem como fazer o que quer que fosse.

Ele... era... lindo.

Bride não lhe conseguia ver os olhos por causa dos óculos de sol, mas sentia o seu olhar. Sentia-o como a um toque ardente.

Aquele homem era duro. Era feroz. E isso fez com que se sentisse invadir por uma onda de pânico.

Porque estaria alguém como ele numa loja especializada em artigos femininos?

Decerto não a ia assaltar?

O aspirador, que ela não movera um único milímetro desde que ele entrara na loja, começou a guinchar e fumar como forma de protesto. Inspirando, de forma repentina, Bride desligou-o rapidamente e abanou o motor com a mão.

— Posso ajudá-lo? — perguntou, enquanto lutava para pôr o aspirador atrás do balcão.

O calor deixou-lhe o rosto vermelho, enquanto o motor continuava a deitar fumo e a cuspir. Isso acrescentava um odor a pó queimado, não muito agradável, às velas de *potpourri* que ela usava.

Sorriu, envergonhada, ao deus escaldante e devastador que se erguia despreocupadamente na sua loja.

— Desculpe.

Vane fechou os olhos enquanto saboreava o cantar melódico do sotaque sulista dela. Tocou no fundo do seu ser, fazendo arder todo o seu corpo. Estava inchado de necessidade e desejo.

Inchado com uma ânsia selvagem de tomar aquilo que queria, sem se preocupar com as consequências.

Mas ela tinha medo dele. O seu lado animal pressentia-o. E isso era a última coisa que o seu lado humano queria.

Erguendo as mãos, tirou os óculos e dirigiu-lhe um pequeno sorriso.

— Olá.

Não ajudou. A visão dos seus olhos só a deixou ainda mais nervosa.
Raios.

Bride estava atordoada. Nunca pensara que ele pudesse ficar ainda mais belo mas, com aquele sorriso maroto, ficava.

Pior, a expressão intensa e feroz daquele olhar lânguido, verde-avelã, deixava-a arrepiada e excitada. Nunca na vida vira um homem com um décimo da beleza daquele.

— Olá — disse, em resposta, sentindo-se completamente idiota.

O olhar dele deixou-a, por fim, e percorreu a loja, observando os vários expositores.

— Estou à procura de um presente — disse, com uma voz profundamente hipnótica. Ela podia ouvi-lo a falar durante horas e, por uma qualquer razão que não conseguia explicar, queria ouvi-lo dizer o seu nome.

Bride limpou a garganta e afastou aqueles pensamentos parvos, ao mesmo tempo que saía de detrás do balcão. Se o seu ex, que era apenas engraçado, não suportava o seu aspeto, como poderia um deus como aquele prestar-lhe a mínima atenção?

Por isso decidiu acalmar-se, antes que fizesse algo que a embaraçasse.

— Para quem é?

— Para alguém muito especial.

— A sua namorada?

O olhar dele voltou ao dela e fê-la tremer ainda mais. Ele abanou ligeiramente a cabeça.

— Pudesse eu ter essa sorte — disse, num tom baixo, enfeitiçante.

Que coisa estranha de se dizer. Não conseguia imaginar que aquele tipo tivesse problemas em conseguir a mulher que quisesse. Quem, no mundo, diria que não *àquilo*?

Por outro lado, esperava nunca encontrar uma mulher assim tão atraente. Se isso acontecesse, seria moralmente obrigada a atropelá-la.

— Quanto é que quer gastar?

Ele encolheu os ombros.

— O dinheiro não significa nada para mim.

Bride piscou os olhos. Lindo e rico. Caramba, havia mulheres cheias de sorte.

— Muito bem. Temos alguns colares. São sempre um bom presente.

Vane seguiu-a até um recanto, na parede oposta, onde se encontrava um pequeno espelho rodeado por uma grande variedade de fios de contas e brincos, presos a expositores de cartão.

O cheiro dela deixava-o duro e excitado. Teve de usar toda a sua força de vontade para não mergulhar a cabeça no ombro dela e inalar aquele

perfume até ficar ébrio. Concentrou o olhar na pele nua e clara do pescoço dela...

Lambeu os lábios ao imaginar qual seria o seu sabor. Como seria ter aquelas curvas sensuais apertadas contra o seu corpo. Ver os lábios dela inchados dos seus beijos, os olhos, escuros e sonhadores devido à paixão, a olhar para ele enquanto a possuía.

Ainda pior, conseguia sentir o desejo dela e isso aumentava ainda mais o seu apetite.

— Qual é o seu preferido? — perguntou, embora já soubesse a resposta.

Havia um colar vitoriano, preto, que estava coberto pelo cheiro dela. Era óbvio que o tinha experimentado há pouco.

— Este — respondeu ela, estendendo o braço.

Vane sentiu o seu membro ficar ainda mais duro quando os dedos dela tocaram nas pedras de ônix negras. Não havia nada que desejasse mais do que passar a mão por aquele braço estendido, percorrer com a palma da mão a pele suave e pálida até chegar à mão. Uma mão que adoraria morder.

— Importa-se de o experimentar para mim?

Bride tremeu perante o tom profundo da voz dele. O que é que ele tinha que a deixava tão nervosa?

Mas já sabia. Ele era intensamente masculino e estar sob o seu escrutínio direto era tão doloroso como desconcertante.

Ela tentou pôr o colar, mas as mãos tremiam-lhe tanto que não o conseguiu apertar.

— Posso ajudar? — perguntou ele.

Ela engoliu em seco e acenou.

As quentes mãos dele tocaram nas dela, deixando-a ainda mais nervosa. Ergueu os olhos para o espelho e viu os maravilhosos olhos verdes-avelã que a fitavam com um calor que a fez tremer e arder, ao mesmo tempo.

Aquele era, sem dúvida, o homem mais belo que alguma vez vira e ali estava ele, a tocar nela. Era o suficiente para a fazer desmaiar!

Ele apertou o colar com destreza. Os dedos demoraram-se no seu pescoço durante alguns momentos antes de cruzar o olhar com o dela, no espelho, e recuar.

— Lindo — sussurrou roucamente; só que não estava a olhar para o colar. Fitava o reflexo dos olhos dela. — Vou levar.

Dividida entre o alívio e a tristeza, Bride desviou os olhos rapidamente, levando as mãos ao pescoço para o tirar. Na verdade adorava aquele colar e odiava vê-lo partir. Comprara-o para a loja mas sempre desejara ficar com ele.

Mas para quê? Tratava-se de uma obra de arte, feita à mão, no valor de seiscentos dólares. Não tinha onde usá-lo. Seria um desperdício e a pragmática irlandesa dentro de si não lhe permitia tais levandades.

Retirando-o, engoliu o novo nó que se lhe formara na garganta e dirigiu-se para a caixa.

Vane observava-a atentamente. Estava ainda mais triste do que antes. Deuses, como desejava vê-la sorrir. O que diziam os machos humanos às suas fêmeas para as fazerem felizes?

As lobas não sorriam, não como os humanos. Os seus sorrisos eram mais maldosos, mais sedutores. Convidativos. O seu povo não sorria quando estava feliz.

Tinham relações sexuais quando estavam felizes e isso era, para ele, a maior vantagem de ser um animal, quando comparado com os humanos. Os seres humanos tinham regras em relação à intimidade que ele nunca compreendera completamente.

Ela colocou o colar numa grande caixa branca, com um almofadado no fundo.

— Quer que embrulhe para presente?

Ele acenou.

Cuidadosamente, ela retirou a etiqueta do preço, colocou-a junto à caixa, e depois retirou uma pequena folha de papel que já tinha sido cortada à medida da caixa. Sem olhar para ele, embrulhou rapidamente a caixa e registou a venda.

— Seiscentos e vinte e três dólares e oitenta e quatro cêntimos, por favor.

Ela continuava sem olhar para ele. Em vez disso, fixara os olhos no chão, perto dos seus pés.

Vane sentiu uma estranha necessidade de se lançar para o chão até o seu rosto se encontrar em linha com os olhos dela. Refreou-se, tirou a carteira do bolso e apresentou-lhe o seu American Express.

Na verdade tinha a sua piada que um lobo tivesse um cartão de crédito humano. Mas aquele era o século XXI e todos os que não se adaptassem rapidamente acabariam exterminados. Ao contrário de muitos outros da sua espécie, tinha investimentos e propriedades. Raios, até tinha um gerente de conta.

Bride pegou no cartão e passou-o pelo leitor.

— Trabalha aqui sozinha? — perguntou, e depressa compreendeu que não o devia ter feito, porque o medo regressou com um odor tão forte que quase o fez praguejar em voz alta.

— Não.

Ela estava a mentir-lhe. Conseguia cheirá-lo.

Boa, palerma. Humanos. Nunca os compreendera. Mas eles eram fracos, em especial as fêmeas.

Ela entregou-lhe o recibo.

Irritado consigo mesmo por a ter deixado ainda mais desconfortável, assinou o recibo e devolveu-lho.

Ela comparou a assinatura com o cartão e franziu o sobrolho.

— Katta...

— Kattalakis — disse por ela. — É grego.

Os olhos dela brilharam ligeiramente quando lhe devolveu o cartão.

— É muito diferente. Deve ter alguns problemas a transmiti-lo a outras pessoas.

— Sim.

Ela enfiou o papel na gaveta, depois colocou o embrulho num pequeno saco com pegas de corda.

— Obrigada — disse, calmamente, pousando-o no balcão à sua frente. — Tenha um bom dia, senhor Kattalakis.

Ele acenou e dirigiu-se para a porta, o coração ainda mais pesado do que antes por não ter sido capaz de a fazer feliz.

— Espere! — disse ela, quando Vane tocou na maçaneta. — Esqueceu-se do colar.

Vane olhou para trás uma última vez, sabendo que não a voltaria a ver. Ela era tão bela, com aqueles grandes olhos cor de âmbar e o rosto pálido de uma deusa. Havia algo nela que o fazia pensar nos anjos de Ruben. Ela era etérea e bela.

E demasiado frágil para um animal.

— Não — disse ele, calmamente. — Deixei-o com a mulher que queria que o recebesse.

Bride sentiu o queixo cair, enquanto as palavras dele pendiam no ar entre ambos.

— Não posso aceitar isto.

Ele abriu a porta e dirigiu-se para a rua.

Pegando no saco que ficara sobre o balcão, Bride correu atrás dele. Ele avançava a passos rápidos na direção do centro do bairro e foi preciso correr bastante para o alcançar.

Agarrou-lhe num braço, impressionada pela firmeza do seu bíceps quando o puxou para que parasse. Sem fôlego, olhou para ele e para os seus enfeitiçantes olhos verdes-avelã.

— Não posso ficar com isto — repetiu, oferecendo-lhe o saco. — É demasiado.

Ele recusou-se a aceitá-lo.

— Quero que fique com ele.

Havia uma tamanha sinceridade naquelas palavras que ela não pôde fazer outra coisa para além de ficar de boca aberta.

— Porquê?

— Porque as mulheres belas merecem coisas belas.

Nunca ninguém, que não fosse seu parente, lhe dissera algo tão gentil. Nesse dia, mais do que em qualquer outro, precisava de ouvir aquilo. Nunca pensara que um homem pudesse pensar nela daquela forma. E ouvi-lo da boca daquele estranho divinal significava tudo para ela.

Aquelas palavras tocaram-na tão profundamente que... que...

Começou a chorar.

Vane ficou imóvel, sentindo-se completamente perdido. O que era aquilo? Os lobos não choravam. Uma loba pode rasgar a garganta de um homem se ele a enervar, mas nunca chora e, em especial, não depois de receber um cumprimento.

— Lamento — disse ele, confuso e sem perceber o que fizera de errado. — Pensei que a deixasse feliz. Não a quis magoar.

Ela chorou ainda mais.

O que deveria ele fazer? Olhou à sua volta, mas não havia ninguém a quem perguntar.

Que se lixasse o seu lado humano. Também não compreendia essa parte de si. Em vez disso, deu ouvidos ao seu lado animal que sabia, por instinto, como cuidar de alguém que estivesse magoado.

Tomou-a nos braços e levou-a de volta à loja. Os animais reagiam sempre melhor no seu ambiente nativo, por isso a lógica ditava que o mesmo pudesse acontecer com um humano. É mais fácil lidar com as situações quando se está rodeado por coisas familiares.

Ela agarrou-se-lhe ao pescoço, enquanto ele a transportava, e chorou ainda mais. As suas lágrimas quentes faziam arrepiar a pele dele e causavam-lhe dor.

Como poderia fazer com que ela ficasse melhor?

Bride odiou-se a si mesma por se ter deixado ir abaixo daquela forma. O que raio se estava a passar com ela? Pior, ele estava a levá-la ao colo!

A levá-la ao colo! E não se estava a queixar por ela ser gorda ou pesada, nem a resmungar devido ao esforço. Na brincadeira, Bride pedira a Taylor que entrasse em casa com ela ao colo, quando se juntaram; ele tinha rido e depois perguntara-lhe se ela lhe queria provocar uma hérnia.

Mais tarde, nessa mesma noite, Taylor concordara em fazê-lo, mas só se ela levasse uma empilhadora para o ajudar.

E no entanto, aquele estranho levava-a ao colo com facilidade, rua abaixo. Pela primeira vez na sua vida quase se sentiu pequena.

Mas não era assim tão louca. Bride McTierney não era pequena desde os seis meses de idade.

Ele abriu a porta, entrou, depois fechou-a com o salto da bota. Sem abrandar, levou-a até ao banco alto atrás da caixa registadora. Sentou-a com cuidado, depois soltou a t-shirt e usou a ponta para lhe limpar as lágrimas.

— Au! — exclamou Bride, quando ele quase lhe vazava um olho. Ainda bem que não usava lentes de contacto, caso contrário estaria cega.

Ele parecia arrependido.

— Desculpe.

— Não — disse ela, olhando-o por entre as lágrimas. — Sou eu quem tem de pedir desculpa, não queria ter um esgotamento nervoso à sua frente.

— É isso que isto é?

Estaria a falar a sério? Parecia-o, sem dúvida.

Ela inspirou, entrecortadamente, e limpou os olhos com as mãos.

— Não, isto sou eu a ser parva. Lamento muito.

Ele dirigiu-lhe um sorriso, pequeno e sedutor.

— Não faz mal. A sério. Acho eu.

Bride fitou-o, incrédula. Porque é que aquele homem estava a ser tão simpático com ela? Não fazia sentido.

Seria aquilo um sonho?

Tentando recuperar alguma da sua dignidade, retirou o talão do cartão de crédito da caixa registadora.

— Tome — disse, entregando-lho.

— Porque é que me está a dar isto?

— Oh, vamos. Ninguém compra um colar assim tão caro para um estranho.

Mais uma vez ele não aceitou. Em vez disso, levou a mão ao saco e retirou a caixa do seu interior. Ela observou enquanto ele a desembulhava e lhe voltava a colocar o colar em redor do pescoço. O contraste entre as suas mãos quentes e as contas frias fê-la tremer.

Ele passou os dedos através das madeixas do cabelo dela, fitando-a ao mesmo tempo, como se ela fosse uma sobremesa apetitosa que ele estivesse morto por provar.

Nunca ninguém lhe dirigira um olhar assim tão quente. Não era natural que um homem tão belo a olhasse daquela forma.

— Pertence-lhe. Nenhuma outra mulher lhe faria justiça.

As lágrimas encheram-lhe os olhos mas ela repeliu-as, piscando-os, antes que ele a mandasse para um hospital psiquiátrico. O calor das mãos dele contra o seu pescoço queimava.

— O quê? Perdeu uma aposta ou algo assim?

— Não.

— Então porque é que está a ser tão simpático comigo?

Ele inclinou a cabeça como se a pergunta o deixasse confuso.

— Preciso de uma razão?

— Sim.

Vane estava verdadeiramente espantado. Os humanos precisavam de uma razão para serem simpáticos uns com os outros? Não era de admirar que a sua espécie os evitasse.

— Não sei o que dizer — admitiu. — Não sabia que havia regras para os presentes ou para tentar fazer com que alguém se sentisse melhor. Parecia tão triste quando passei por aqui que só quis fazê-la sorrir.

Ele inspirou fundo e entregou-lhe o talão do cartão de crédito.

— Fique com o colar, por favor. Fica-lhe bem e não tenho outra pessoa a quem o dar. Tenho a certeza que o meu irmão não o ia querer. O mais certo era enfiá-lo num local realmente desconfortável, se lho desse. E se ele não o fizesse, acho que ficaria ainda mais assustado.

Por fim ela riu. O som deixou-lhe o coração mais leve de imediato.

— Isso é um sorriso? — perguntou ele.

Ela acenou e fungou delicadamente, antes de voltar a rir.

Devolvendo-lhe o sorriso, Vane estendeu um braço e tocou-lhe na bochecha fria. Ela era tão bela quando ria. Os seus olhos âmbar faiscavam. Antes que o pudesse evitar, inclinou-se e beijou as lágrimas das pestanas dela.

Bride não conseguiu respirar ao sentir o calor dos lábios dele contra a sua pele. Nunca um homem a tratara daquela forma. Nem mesmo Taylor, com quem ela esperara casar.

Ela inalou o perfume quente da pele de Vane. Era uma mescla de um qualquer *aftershave* e um odor rico e masculino.

Deus, como seria bom ser abraçada naquele momento, quando toda a sua vida estava a desabar.

Antes que compreendesse o que estava a fazer, envolveu-lhe a cintura esguia com os braços e pousara a cabeça no seu peito forte. O coração dele batia com força sob o ouvido dela. Sentia-se estranhamente segura ali. Quente. Acima de tudo, sentia-se desejável. Como se talvez não fosse uma completa desgraça.

Ele não protestou contra aquele abraço. Em vez disso, segurou-a com a mão ainda no rosto dela, enquanto passava o polegar suavemente pela sua maçã do rosto. Inclinou-se e depositou-lhe um beijo casto no topo da cabeça.

O calor inundou-a. Um desejo profundo atravessou-lhe o corpo. Um desejo que ela não compreendia.

Em toda a sua vida, Bride McTierney nunca fizera nada a não ser aquilo que era suposta fazer. Tinha terminado o liceu e continuara a viver em casa dos pais, enquanto frequentava Tulane, onde raramente namorara, tendo passado a maior parte das noites na biblioteca.

Depois de terminar os estudos, conseguira um emprego como gerente do centro comercial até a avó ter morrido e lhe ter deixado o edifício onde agora se encontrava a loja. E ali trabalhara todos os dias, sem falta. Por muito doente ou cansada que estivesse.

Bride nunca tinha dado um passo no lado selvagem. O medo e o sentido de responsabilidade tinham dirigido a sua vida desde que nascera.

No entanto, ali estava ela, com um estranho nos braços. Um belo estranho que era mais gentil com ela do que todas as outras pessoas.

E ela queria prová-lo. Saber, ao menos uma vez, como era beijar um homem com aquele aspeto.

Erguendo a cabeça, olhou para ele e tremeu com um desejo profundo que não compreendia, mas que sentia até ao mais fundo de si mesma.

Não...

Abafou a voz da razão, ergueu as mãos e tirou-lhe o elástico do cabelo. Libertas, as longas madeixas negras envolveram o rosto do paraíso.

O calor daqueles olhos verdes-avelã queimou-a. Ele baixou a cabeça até os seus lábios ficarem perigosamente perto dos dela, como se lhe estivesse a pedir autorização.

Sem fôlego, ela anulou a distância e pousou os seus lábios nos dele. Ele gemeu, no fundo da garganta, como um animal, antes de o seu beijo se ter tornado quente e apaixonado.

Bride ficou feliz e admirada com aquela reação. Nunca um homem parecera gostar tanto de a beijar como aquele. As suas mãos fortes seguravam-lhe a cabeça enquanto lhe varria a boca com a língua, como se tivesse fome dela e só dela.

Vane puxou-a para si, enquanto o animal no seu interior ganhava vida com um rugido. Desejava-a com um desespero que raiava a loucura. Conseguia sentir a paixão dela na sua língua. Ouvir o coração dela bater em rápida sintonia com o seu.

Acima de tudo, conseguia cheirar o seu desejo e queria mais. O animal dentro dele não ficaria satisfeito enquanto não a provasse por inteiro.

No mundo dele o sexo não tinha qualquer significado emocional. Era um ato biológico entre duas criaturas, para apaziguar o período fértil de uma fêmea e os impulsos de um macho. Se os dois lobos não fossem companheiros, então não havia qualquer risco de gravidez, nem existia entre eles qualquer tipo de doença sexualmente transmissível.

Se Bride fosse do seu povo, ele já a teria nua no chão.

Mas ela não era uma loba...

As fêmeas humanas eram diferentes. Ele nunca fizera amor com uma delas e não sabia ao certo como é que reagiria se ele a tomasse como aconteceria com uma das suas fêmeas. A espécie dela era, comparativamente, muito mais frágil.

Para ser sincero, ele não sabia porque é que a desejava tanto. Não era normal. Nem por uma vez, durante todos os séculos que vivera, tinha contemplado a possibilidade de tomar uma amante humana.

Mas aquela...

Ele não se conseguia refrear. Todos os seus instintos exigiam que a possuísse.

A sua alma de lobo queria prová-la. Queria inspirá-la e deixar que a sua suavidade acalmasse a solidão que lhe tinha enchido o coração naqueles últimos meses, enquanto chorava pela irmã e pelo irmão.

Apenas por um momento, queria não se sentir sozinho, outra vez.

Bride tremeu quando Vane deixou os seus lábios e a cobriu de beijos até chegar ao pescoço, cuja pele sensível mordiscou. Os pelos do rosto dele tocavam-lhe ao de leve na pele, fazendo-a arder ainda mais, ao mesmo tempo que os seus seios inchavam de desejo. Meu Deus, ele era tão inatamente masculino. Tão incrivelmente bom. E cada lambidela com que ele brindava a sua pele fazia-lhe contrair o estômago.

Aquilo era tão estranho nela. Nunca fizera aquilo com homens que conhecia. Quanto mais com um estranho.

E no entanto, não queria afastá-lo. Por uma vez na vida, queria algo fora do normal. No fundo do seu ser, sabia que Vane seria espetacular.

Aterrorizada com o que estava prestes a fazer, respirou fundo e preparou-se para a rejeição.

— Queres fazer amor comigo?

Em vez do riso por que estava à espera, ele afastou-se, deixando de lhe mordiscar a garganta, e olhou para as janelas abertas da loja.

— Não te importas?

Sentiu o calor invadir-lhe o rosto, quando se apercebeu de que estava escuro no exterior e que qualquer pessoa que passasse na rua os poderia ver a acariciar-se como adolescentes excitados.

— Espera — disse ela, abandonando os seus braços para trancar a porta, virar o sinal de Aberto para Fechado e reduzir as luzes.

Desejou ter ainda um apartamento para onde o levar, mas talvez assim fosse melhor. Se saíssem dali juntos, o mais certo era ela acobardar-se, o que seria a coisa mais inteligente a fazer.

Ou talvez ele mudasse de ideias.

Não, ela queria fazer aquilo. Ela queria-o.

Pegando na mão dele, guiou-o através da loja, na direção da porta para a sala dos fundos.

Quando ela abriu a porta, ele fê-la parar.

Bride voltou-se e viu-o a olhar fixamente para o vestiário à sua direita. Um sorriso malandro abriu-se-lhe no rosto.

Recuando, ele levou-a para a divisão e fechou as cortinas.

— O que é que estás a fazer? — perguntou ela.

Ele tirou a t-shirt, por cima da cabeça.

Oh, céus! Bride não conseguia respirar, ao ver pela primeira vez o peito nu dele. Já tinha percebido que ele tinha um grande corpo, mas aquilo...

Excedia tudo com que já tinha sonhado. Os seus ombros largos afunilavam-se nuns abdominais que pareciam uma tábua de lavar capaz de lavar a roupa de toda uma nação. Qual *six-pack*, aquele homem tinha uns verdadeiros *eight-pack* e estes ondulavam cada vez que ele respirava. Todo o torso estava ligeiramente coberto de pelos, fazendo-o parecer ainda mais másculo e cru.

Tinha várias cicatrizes curvas no ombro e no bíceps esquerdos e uma que se parecia estranhamente com uma dentada de um qualquer animal.

Fez o que podia para não se babar.

Ou desmaiar.

Na verdade, nenhuma mulher mortal devia poder estar na presença de alguém tão belo sem precisar de oxigénio.

Ele abriu o botão das calças de ganga, depois puxou-a para os seus braços.

— Não tenhas medo — sussurrou. — Serei gentil.

Mas não era disso que ela tinha medo. O que temia era a sua reação quando ela visse o seu aspeto nua. Meu Deus, ele não tinha um grama de gordura e ali estava ela, tamanho quarenta e oito.

Ele ia correr porta fora a gritar, a qualquer momento.

Em vez disso, ergueu os braços e soltou-lhe o cabelo sobre os ombros. Passando as mãos por ele, puxou os lábios dela para os seus, de forma a poder varrer a sua boca mais uma vez.

Ela gemeu de prazer. Aquele homem sabia, sem dúvida, como usar a língua a seu favor. Ela podia beijá-lo o dia todo.

Bride passou as mãos sobre os músculos firmes do peito dele, impressionada com a maravilhosa sensação. Passou as pontas dos dedos sobre e em redor dos mamilos inchados, deliciando-se com o profundo rosnar que lhe ouviu.

Ele moveu-se para lhe desabotoar o vestido.

— Está mais escuro na sala das traseiras — disse ela.

— Porque haveria de querer que estivesse mais escuro?

Bride encolheu os ombros. Taylor insistira na escuridão absoluta sempre que faziam amor.

Ela tremeu enquanto ele lhe desabotoava o vestido e o deixava cair ao chão. Ficou à espera que ele se afastasse.

Ele não o fez. Ainda tinha o olhar quente e esfomeado enquanto a observava em roupa interior. Graças a Deus que combinava, de facto, e que não era nenhuns das suas peças velhas.

Vane nunca se sentira tão inseguro de si mesmo como naquele momento. Segurou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-a com cuidado, temendo magoá-la. Desde que atingira a puberdade que começara a ouvir histórias de lobos que tinham matado as suas parceiras humanas, por acidente, enquanto acasalavam.

Os ossos humanos não tinham a densidade dos da sua espécie. A pele deles feria-se com mais facilidade.

Com cuidado, encostou-a à parede de forma a poder sentir cada centímetro das suas curvas exuberantes contra o corpo rijo. O cheiro do perfume e da pele dela intoxicavam-no. Teve de usar toda a sua força de vontade para não uivar em triunfo.

Mordiscou a pele dela, da boca delicada ao maxilar, enquanto a envolvia com os braços e lhe desapertava o soutien. Ouviu-a inspirar de forma súbita quando os seios se libertaram. Eram um prémio suculento. Pálidos e inchados, mais do que lhe enchiam as mãos. Ele nunca vira nada tão belo. Ela passou as mãos no cabelo dele, enquanto ele baixava a cabeça para lhe tomar um seio com a boca.

Fechando os olhos, ele gemeu de prazer enquanto passava a língua em torno do mamilo hirtos.

Havia quase um ano que não tocava numa fêmea: um recorde para ele. Mas desde a noite em que a irmã morrera, a sua vida fora de mal a pior e não havia ninguém que lhe apelasse.

Já para não dizer que as memórias da única vez em que vira Bride, na praça, o tinham atormentado. Fantasias noturnas em que a possuía em todas as posições conhecidas. Em que explorava cada centímetro do seu corpo suculento.

Passara horas a amaldiçoar-se por não ter deixado Sunshine sozinha e partido atrás daquela mulher.

Proteger Sunshine custara-lhe tudo e porquê? Pela felicidade de um maldito Predador da Noite?

Não há boa ação que não receba o seu castigo.

Era o ditado preferido de Fury. Um lobo solitário, Fury era tão pouco

fiável e tão egoísta como qualquer outro, mas havia alturas em que aquele lobo era extraordinariamente astuto.

Mas agora, enquanto segurava Bride nos seus braços e sentia aquele corpo macio e terno contra o seu, era invadido por uma estranha sensação de conforto que lhe fugira durante os últimos meses.

Não apagava a dor que sentira pela perda dos seus irmãos, mas diminuía-a.

E isso era, só por si, de valor incalculável.

Bride não conseguia pensar devidamente enquanto via Vane a saborear os seus seios. Ele parecia estar a provar algo divino. O corpo dela ardia de desejo. Ele era espetacular.

Os olhos dele estavam enevoados e escuros. Ela observou o reflexo das costas dele, no espelho, e perguntou-se o que poderia ter gerado as cicatrizes que lhe marcavam a pele macia e bronzeada. Tocou os altos por elas formados, enquanto ele passava do seu seio direito para o esquerdo.

O que lhe teria acontecido para lhe provocar tantas cicatrizes? Ela nunca vira nada assim. Algumas delas eram, sem dúvida, marcas de garras e dentes que pareciam indicar que ele fora atacado por um qualquer animal selvagem. Uma delas era particularmente funda e grande. Descia ao longo da omoplata e voltava a subir sob o braço.

Havia nele algo de verdadeiramente mortal e, no entanto, segurava-a com um toque gentil. Ele desceu a mão sobre a barriga dela, queimando a sua pele enquanto o fazia.

De olhos meio fechados, ela observou através do espelho enquanto ele mergulhava a mão sob o elástico das suas cuecas pretas e lhe tocava intimamente.

Bride gemeu perante a sensação daqueles dedos longos, esguios, a separar as tenras pregas do seu corpo para a poder acariciar; perante a imagem da mão dele, no espelho, enquanto afundava os dedos profundamente dentro dela.

Ela gemeu, vendo-o e sentindo-o.

Era estranho poder vê-lo de tantos ângulos diferentes. Ver-se a si mesma a ser amada por ele.

Devia sentir-se envergonhada e, no entanto, não sentia. Nem sequer se sentia constrangida. Pelo contrário, sentia-se estranhamente fortalecida.

Um homem como aquele com tanta fome dela!

Era inimaginável.

Vane beijou a barriga dela. Retirando a mão, arrancou-lhe a roupa interior com os dentes. Tirou-lhe as sandálias, demorando-se a massajar os arcos dos seus pés antes de as atirar por cima do ombro.

Ele agachou-se no chão à frente dela, olhando para cima com um

olhar quente, devorador, intenso. Ele ainda estava de calças de ganga e botas, ao passo que ela estava completamente nua.

Vane não conseguia respirar, só de a olhar. Ela ainda tinha um pouco de medo, mas este era completamente abafado pelo seu desejo.

Ele queria puxá-la para si, rudemente, e possuí-la como o animal que era. Queria mostrar-lhe como o seu povo acasalava, com energia e domínio.

Mas não a queria assustar. Acima de tudo, não a queria magoar.

Ela era tão vulnerável.

As lobas assumiam a forma humana para o acasalamento. Avançavam, sedutoras, por entre os machos disponíveis, deixando-os loucos de desejo, até que estivessem dispostos a matar-se uns aos outros por elas.

O que por vezes acontecia.

Havia sempre uma luta pela fêmea. Depois ela escolhia o macho que mais a impressionara com a sua beleza e a sua destreza. Normalmente era o vencedor quem com ela acasalava, mas nem sempre. A primeira amante de Vane tinha-o reclamado, embora ele tivesse perdido a luta, porque gostara da paixão que revelara enquanto a tentava ganhar.

Uma vez feita a escolha, a loba despia-se e oferecia-se ao campeão. O macho prendia-a ao chão e passava o resto da noite a mostrar a energia e o poder que possuía. A fêmea passava a noite a testá-lo. Tentava tirá-lo de cima dela e o seu dever era garantir que ela não o conseguia. Se ele ficasse cansado antes do nascer do dia ou antes que ela estivesse plenamente saciada, era trazido um outro macho.

Tratava-se de uma vergonha enorme não ser capaz de satisfazer uma loba, ter de solicitar um segundo lobo.

Vane nunca passara por tal vergonha.

E nunca tomara uma mulher como Bride. Alguém que não lhe morresse e arranhasse ao mesmo tempo que exigia prazer. Algo dentro dele apreciava a raridade daquele momento.

A brandura.

Numa vida em que a violência, o território e as guerras de sangue reinavam, era bom poder fazer uma pausa. Sentir o toque terno de uma amante.

O seu lado humano ansiava por aquilo.

Ansiava por ela.

Bride mordeu o lábio inferior enquanto Vane lhe afastava as pernas. A respiração dele queimou-lhe as coxas. Ele fechou os olhos e encostou a cabeça contra a coxa dela, como se saboreasse o simples facto de estarem juntos. A ternura daquele gesto deixou-a com um nó na garganta.

Ela passou os dedos pelo rosto onde a barba começava a despontar,

fazendo com que a sensação de masculinidade a deixasse ainda mais quente. Ele mordiscou-lhe os dedos, brincando.

Ela sorriu-lhe até ele lhe ter afastado as pernas e a ter tomado na sua boca. Bride silvou de prazer, ao mesmo tempo que sentia as pernas a fraquejar.

Teve de usar todas as suas forças para não cair. Ele devorava-a. Não havia outro termo. Lambeu-a e provocou-a até a cabeça dela girar e, quando ela atingiu o clímax, este foi violento e profundo. Bride gritou enquanto o seu corpo era virado de dentro para fora pelo toque dele.

Vane rosou ao ouvir o som do prazer dela, ao sentir o seu sabor. Como todos os machos da sua espécie, tinha orgulho no orgasmo dela. Não havia nada mais doce do que ouvir os gritos de uma amante no clímax. Nada mais doce do que saber que um macho era capaz de satisfazer a fêmea.

Beijou o corpo dela, subindo lentamente até se encontrar de pé, mais uma vez. Ela olhou para ele com espanto a brilhar nas profundezas âmbar dos seus olhos. Ele pegou-lhe na mão e guiou-a até à sua pulsante ereção.

Bride engoliu em seco enquanto afundava a mão na ganga. Os pelos curtos e duros brincavam com os seus dedos, enquanto ela encontrava o que procurava. Ele rosou, um som que lhe vinha do fundo da garganta, como um animal selvagem, enquanto ela envolvia com a mão o membro duro. O homem era enorme e já estava húmido e tenso.

Tomando-lhe o rosto nas mãos, beijou-a apaixonadamente, enquanto ela lhe tocava. O corpo dela pulsou de calor ao pensar em ter aquele membro duro dentro do seu corpo.

Ele afastou-se dela, depois tirou as botas, com movimentos rápidos. Bride susteve a respiração, quando ele levou a mão à braguilha e a desaperitou.

Ela observou, aturdida pela paixão, enquanto ele fazia deslizar as próprias calças e ela o via, pela primeira vez, em toda a sua glória.

Sentido!

Não havia nada mais sensual do que um homem que se atrevia a não usar nada por baixo da roupa. Por outro lado, também não havia nada mais sensual do que o homem à sua frente.

Ele era arrojado e dominante. Selvagem. E fazia-a tremer de forma descontrolada.

Atirando as calças para um canto, ele afastou-a da parede. Bride sentiu-se grata por o vestiário ser maior do que a maioria. Fora concebido para receber mulheres com carrinhos de bebés ou crianças pequenas. E garantia-lhes espaço de manobra suficiente.

Vane colocou-se atrás dela. Ela olhou para o seu reflexo no espelho. Ele era mais alto do que ela e o sorriso de esguelha, esfomeado, que tinha estampado no rosto derreteu-a.

— És tão bela — disse ele, a voz profunda e esfomeada.

Ela nunca se sentira assim. Normalmente evitava olhar para o seu reflexo nos espelhos. Mas havia algo terrivelmente erótico na possibilidade de ver o reflexo de ambos nas três paredes espelhadas.

Ele afastou o cabelo dela do seu pescoço, mordiscou a pele sensível. Deslizou a língua em redor das contas do colar.

As mãos dele tomaram-lhe os seios antes de uma delas regressar ao triângulo de pelos castanhos-escuros entre as pernas de Bride.

De alguma forma, ele conseguiu fazer com que ambos descessem, em simultâneo, até ao chão. Ela não sabia ao certo como ele o tinha feito sem a largar. Aquele homem era incrivelmente forte. Ela encostou-se a ele, ao seu corpo quente e peludo. Masculino.

A língua dele girou em redor da sua orelha, depois mergulhou no seu interior ao mesmo tempo que a penetrava por trás. Bride gritou de prazer, quando o sentiu preenchê-la.

Ele ergueu a cabeça para poder ver o rosto dela, enquanto se lançava ainda mais profundamente.

Bride não era capaz de falar ou pensar enquanto o prazer a esmagava. Tudo o que conseguia era vê-lo a fazer amor consigo. Ver a mão dele trazer-lhe prazer em sintonia com os seus movimentos fortes.

Vane voltou a rosnar ao sentir o corpo dela, húmido e convidativo. O corpo dela era muito mais macio do que o de uma loba. Lutadoras natas, tinham grandes músculos e eram duras. Uma loba estaria a tentar mordê-lo. Estaria a arranhar-lhe o braço, exigindo que lhe desse maior satisfação. Exigindo que se movesse mais depressa e com mais força, até que voltasse a atingir o clímax.

Mas não Bride.

Ela não fazia exigências enquanto ele se demorava, movendo-se lenta e calmamente. Não o tentou expulsar. Em vez disso, encostou-se contra o seu peito e começou a emitir os sons de prazer mais incríveis a cada novo movimento do corpo dele contra o dela. Ela entregava-se-lhe por inteiro.

A confiança que ela tinha de ter para fazer aquilo...

Ele nunca conhecera nada assim.

Passara tantos meses a sonhar como seria tê-la nos seus braços. Agora sabia.

Ela era divina. Bride ergueu um braço sobre a cabeça para enfiar a mão no cabelo dele e segurá-lo mais perto.

— Oh, Vane — sussurrou ela, encostando o seu rosto ao dele.

Ele sentiu os poderes a aumentar enquanto lhe beijava o rosto e acelerou os movimentos dos dedos. Ela agitou-se e gemeu em resposta. Ele sentiu-se crescer ainda mais. O lobo dentro dele rosnava de satisfação.

Uivava por sentir o corpo dela, quente e húmido, em redor do seu. E como sempre, os seus poderes mágicos cresciam. O sexo sempre servira para recarregar a sua espécie, para a tornar mais forte.

Mais perigosa.

Ela cobriu a mão dele com a sua. A imagem dela, aberta, enquanto ele se lançava dentro dela, fez com que o seu coração batesse ainda mais depressa. Os poderes dele crepitaram através do corpo, faiscando e dançando até ele ficar em carne viva.

Bride não conseguia respirar tal era a intensidade do seu prazer. Aquele era o encontro mais incrível da sua vida. Sentia-o tão grosso e duro, dentro de si. Tão dominante. E, o que era mais estranho, parecia que estava a ficar maior. Enchia-a por inteiro, mas não era nada desconfortável.

E quando ela atingiu o clímax, este foi ainda mais violento do que da primeira vez. Gritou com tal satisfação que ficou rouca. Fraca. O seu corpo tremia, descontrolado, enquanto ele lhe continuava a dar mais.

— Isso mesmo, querida — sussurrou-lhe ele. — Vem-te para mim.

E ela fê-lo. Um orgasmo como nunca antes tivera. Era tão primitivo e poderoso que ela nem sabia se sobreviveria. Oh, céus! Como é que algo podia saber tão bem?

Cada movimento dele só fazia com que o seu orgasmo se prolongasse. Deixava todo o seu corpo sensível. Aquele era o clímax mais longo da sua vida!

Vane manteve-a segura enquanto sentia crescer o seu próprio prazer. Quando sentiu que se aproximava do clímax apressou os seus movimentos.

Bride voltou o rosto para o dele e depositou nos seus lábios o beijo mais doce que se possa imaginar. Foi o suficiente para o lançar no abismo.

Ele envolveu-a com os braços enquanto se libertava, profundamente enterrado no corpo dela. Ao contrário dos humanos, não terminaria rapidamente. O seu orgasmo duraria vários minutos.

Segurando-a perto de si, usou os seus poderes para aumentar o prazer de Bride e para esconder o tempo que o seu corpo demorou a saciar-se. Encostou o rosto ao pescoço dela e deliciou-se no seu cheiro. Deliciou-se nela.

Enterrou-se bem fundo dentro dela, depois embalou-a suavemente nos braços, enquanto se libertava e permitia que uma sensação infundada de paz e conforto o varresse.

Vane não conseguia tirar os olhos de Bride, enquanto o seu corpo relaxava, por fim. Lentamente. Pacificamente.

Manteve-a no seu colo e observou o ligeiro sorriso que ainda pairava nos cantos dos seus lábios. Aquela mulher era uma deusa. Pura e simples. Exuberante e cheia, era tudo o que qualquer homem poderia desejar.

— Foi incrível — sussurrou ela, erguendo um braço para lhe passar os dedos pela linha do maxilar.

— Sim, foi — murmurou ele, gentilmente, ainda impressionado com a sensação de penetrar uma fêmea humana.

Talvez Acheron estivesse, afinal de contas, certo. Talvez fosse mais humano do que pensava. Era a única razão em que conseguia pensar para explicar a forma como se sentia naquele momento.

Tocou um telefone no exterior do vestiário.

Ela saltou nos braços dele, depois olhou para o relógio de pulso.

— Oh, não — sussurrou. — Deve ser a Tabitha. Tinha combinado jantar com ela e a irmã esta noite.

Vane suspirou. Por uma qualquer razão que não sabia identificar, não queria deixá-la partir. Não queria que ela saísse do seu lado.

Se ela pertencesse ao seu povo, nem sequer pensaria em deixá-lo antes da madrugada.

Mas não pertencia.

E querer ficar ali era uma loucura. Ele era um lobo sentenciado à morte e ela uma humana.

O que eles tinham partilhado fora excepcional mas estava na hora de afastar dos seus pensamentos.

Para sempre.

Beijando-lhe o rosto, ele afastou-se dela e levantou-se para se vestir.

Bride sentiu-se um pouco estranha quando Vane lhe entregou as suas roupas. Ele não lhe pediu o número de telefone, nem lhe fez qualquer pergunta, enquanto enfiava as calças e as botas.

Estaria arrependido do que tinham feito?

Ela queria pedir-lhe o número de telefone mas o seu orgulho não o permitiu. Talvez estivesse a ser parva mas, tendo em conta as ações de Taylor, não queria arriscar mais uma moessa no ego, aquela noite.

Vane abotoou-lhe o vestido, depois enfiou a t-shirt por cima da cabeça.

— Tens o carro perto? — perguntou.

— Está estacionado nas traseiras, mas estava a pensar ir a pé para o restaurante. São só uns quarteirões.

Ele penteou-lhe o cabelo com os dedos. Tinha um ar de súbita tristeza.

— Queres que te acompanhe?

Ela acenou.

Ele segurou a cortina aberta, para que ela pudesse sair. Ela baixou-se para o fazer e voltou-se enquanto ele prendia a t-shirt nas calças de ganga. Vane passou a mão pelo cabelo para o deixar no sítio.

Toda a alegria brincalhona tinha desaparecido. Agora, havia nele algo quase predatório.

Ele esperou no exterior enquanto ela programava o alarme e trançava a porta.

Bride sentiu-se ainda mais desconfortável quando se endireitou e lhe dirigiu um sorriso, no exterior da loja. O ar estava um pouco frio, mas ele nem pareceu reparar. Passou um braço em redor do ombro dela, enquanto se dirigiam para o restaurante preferido de Tabitha, o Acme Oyster House.

Não falaram enquanto avançavam. Bride queria fazê-lo, mas o que dizia uma mulher a um tipo que acabara de lhe proporcionar o melhor sexo da sua vida?

Um tipo que ela não conhecia.

Um tipo que ela, decerto, nunca mais voltaria a ver.

Oh, como odiava aquilo. Aquela era a primeira vez na vida em que tivera um relacionamento de uma noite. Era desconcertante ter sido tão íntima de um estranho.

Ele abrandou quando se aproximaram do restaurante.

Bride espreitou pela janela grande e pintada. Tinha razão, as amigas já lá estavam e ela viu Tabitha a mexer num telemóvel. Sem dúvida fora Tabitha quem ligara e se Bride não entrasse depressa, ia começar a ficar preocupada.

— Bem — disse ela, afastando-se de Vane. — Suponho que este seja o momento em que nos despedimos.

Ele acenou e ofereceu-lhe um sorriso doce.

— Obrigado, Bride.

— Não — disse ela, tocando no colar que ele lhe dera. — Obrigada eu.

Ele beijou-lhe a mão, depois voltou-se, enfiou as mãos nos bolsos e avançou lentamente, rua abaixo, na direção de Bourbon. Com o coração pesado, ela ficou a observar o seu andar másculo e mortal.

— Bride?

Ela voltou-se e viu Mina Devereaux junto à porta aberta.

— Estás bem? — perguntou.

Acenando, Bride obrigou-se a entrar. Mina guiou-a até à mesa perto da janela, onde a irmã, Tabitha, estava sentada.

— Olá, Bride — disse Tabitha, saudando-a enquanto desembrulhava uma bolacha. — Estás bem? Pareces um pouco distraída.

— Não sei — disse Bride, enquanto se sentava em frente a Tabitha.

— Tive o dia mais estranho da minha vida e acho que acabei de cometer o maior erro de todos os tempos.

Só não sabia ao certo se o erro fora dormir com alguém que não conhecia ou permitir que ele a deixasse.

Capítulo
DOIS

COM o coração pesado de arrependimento, Vane percorreu o Bairro Francês, descendo até ao número seiscentos e oitenta e oito de Ursulines Avenue, em cuja esquina se erguia o bar Santuário. O edifício, de tijolo vermelho, tinha portas tipo *saloon* e o letreiro à entrada mostrava a negra silhueta de um motociclista num monte, recortado pela Lua cheia.

Uma atração turística, o bar de motociclistas estava sempre cheio de habitantes locais e de turistas. No exterior, sobre o passeio, já se alinhavam várias motas que pertenciam a um gangue de *motards* local, os Vieux Doo Dogs. Quando vira os rudes *motards* a entrar no edifício pela primeira vez, Vane rira. Os *motards* humanos não faziam ideia de que o Santuário não era um local só para eles. Era um dos raríssimos portos verdadeiramente seguros para os da sua espécie.

Por todo o mundo, ao longo de vários períodos, certas famílias de Predadores do Homem tinham estabelecido locais como aquele, onde os membros dos Katagaria se podiam esconder enquanto fugiam dos seus inimigos. Mas, de todos os portos seguros para animais, o Santuário da Mamã Urso Peltier era o mais respeitado e o mais famoso. Acima de tudo porque era um dos poucos estabelecimentos que também acolhia Predadores da Noite, *apollite*, *daemon* e deuses. Desde que se viesse em paz, podia-se partir sem um arranhão.

Como afirmava o *slogan* do Santuário: *Não me mordas e eu não te morderei.*

Qualquer um que se atrevesse a quebrar aquela regra simples era rapidamente sacrificado por um dos onze filhos da Mamã Peltier ou pelo seu companheiro excepcionalmente grande. Era um facto bem conhecido que o Papá Urso Peltier não brincava com ninguém a não ser com a Mamã Urso.

Embora a Mamã e os seus rapazes fossem ursos na sua forma nativa, acolhiam todos os ramos Katagaria: leões e tigres, falcões e lobos. Não havia um único grupo conhecido que não tivesse pelo menos um membro ali escondido.

Caramba, até havia um *drakos* e, por norma, os dragões raramente faziam do século XXI a sua casa. Devido ao seu tamanho, os dragões tendiam a viver a sua vida em tempos passados, onde a dimensão mais reduzida da população humana e os campos abertos faziam com que fosse mais fácil esconderem-se.

Os Peltiers até tinham um Sentinela Arcadiano que velava pelo local e esse era o maior dos seus feitos. Os Arcadianos eram os Predadores do Homem de coração humano, inimigos mortais dos Katagaria, que tinham coração animal. Na verdade, as duas espécies estavam em guerra uma com a outra há milhares de anos.

Os Arcadianos deveriam ser o ramo mais gentil do povo de Vane, mas a sua experiência dizia que isso não passava de uma mentira por eles contada. Mais depressa confiaria num coração animal do que num Arcadiano de coração humano.

Pelo menos os animais atacavam abertamente. Não eram, nem de perto nem de longe, tão traiçoeiros como um humano.

Por outro lado, nunca uma fêmea Katagaria o segurara como Briede. Nenhuma o fizera sentir aquela estranha necessidade de a proteger que fazia com que não desejasse mais nada a não ser regressar ao restaurante onde a deixara, tomá-la nos seus braços e levá-la para casa com ele.

Não fazia o mínimo sentido.

Atravessou as portas *saloon* e descobriu Dev Peltier sentado num banco alto, junto à porta. Dev era um dos quadrigémeos da Mamã Urso. Embora fossem idênticos no aspeto, os quadrigémeos tinham personalidades e portes muito distintos.

Dev era calmo e demorava a irritar-se. Transmitia um ar de graça poderosa e movia-se de forma metódica, como a maioria dos ursos, como se tivesse todo o tempo do mundo. Mas Vane sabia que o urso se conseguia mover quase tão depressa como qualquer lobo. A primeira vez que vira Dev atirar-se ao irmão mais novo, Serre, numa luta a brincar, ganhara um respeito saudável pelas capacidades do urso.

Nessa noite, Dev envergava uma t-shirt preta que não cobria por completo a marca do arco de Ártemis no seu bíceps, uma tatuagem que

mandara fazer para gozar com os *daemon* e os *apollite* que, ocasionalmente, se aventuravam no interior do bar. Estava a jogar póquer de cinco cartas com Rudy, um dos empregados humanos, que não fazia a mínima ideia que metade das “pessoas” no bar eram, na verdade, animais que andavam sobre duas patas.

Rudy tinha cabelo preto, liso, puxado para trás num rabo-de-cavalo, e um rosto duro que exibia todos os sinais do quão difícil fora a vida do ex-presidiário. Tinha uma espessa barba preta e cada milímetro de pele exposta estava coberto por uma tatuagem colorida.

O homem era verdadeiramente soturno e, ao contrário dos Predadores do Homem que faziam daquela a sua casa, não era atraente. De facto, essa era a forma mais fácil de distinguir os humanos dos animais. Como o povo de Vane estimava a beleza acima de todas as outras coisas, era raro encontrar um Predador do Homem que não fosse atraente.

Como o dos seus irmãos, o cabelo louro e encaracolado de Dev cobria-lhe as costas. Como sempre, usava-o solto. Tinha vestido um par de calças de ganga desbotada, justas, e botas pretas.

Dev cumprimentou-o com um inclinar de cabeça.

— Ei, lobo, estás bem?

Vane encolheu os ombros enquanto se aproximava.

— Estou apenas cansado.

— Talvez deveses ir a casa dormir uma sesta — disse Dev, enquanto tirava mais duas cartas.

A residência Peltier era adjacente ao bar. Era lá que podiam assumir as suas formas animais sem medo de serem descobertos. Os Peltiers tinham mais sistemas de alarme do que o Forte Knox e, pelo menos dois elementos da família, mantinham guarda permanente para se protegerem de qualquer intruso, humano ou não.

— Está tudo bem — disse Vane. Trabalhava para ganhar o seu sustento e o de Fang. A última coisa que queria era que alguém o acusasse de se aproveitar da caridade do clã dos Ursos, por isso trabalhava em média dez horas por dia, todos os dias, para os Peltiers. — Disse à Nicolette que, esta noite, substituiria a Cherise no bar.

— Sim — disse Rudy, enquanto dava uma passa no cigarro e ajustava as cartas. — A Cherise está mortinha por ir para casa mais cedo. O Nick vai levá-la ao Antoine para comemorarem o aniversário dela.

Vane tinha-se esquecido que era o dia de anos da humana. Por alguma razão, esses eram dias especiais para os humanos. Talvez porque tivessem tão poucos.

Vane desculpou-se e dirigiu-se para o bar. Passou pelas mesas que Wren, um raro leopardo branco Katagaria, estava a limpar. *Marvin*, o ma-

caco (o único animal no Santuário que não podia assumir forma humana) estava sentado no ombro do leopardo e segurava-se com força ao cabelo louro de Wren.

Aqueles dois tinham uma relação estranha. Tal como Vane e Fang, Wren tinha chegado aos Peltiers como um exilado. Era fechado e raramente falava com mais alguém para além de *Marvin*. Ainda assim, havia algo de letal nos olhos do leopardo que dizia a todos que o deviam deixar em paz se prezavam as suas vidas.

Wren olhou para Vane quando este passou pela mesa que estava a limpar, mas não disse nada.

— Ei, Vane! — chamou Cherise Gautier, o rosto resplandecente quando o viu. Era uma belíssima mulher loura, de quarenta e poucos anos. O sorriso sempre pronto e o coração caloroso eram capazes de conquistar qualquer um. — Estás bem, querido? Pareces cansado.

Ainda o espantava o quão intuitiva era Cherise, para um ser humano. Vane levantou a secção mais afastada do balcão do bar e entrou para a área de serviço.

— Estou bem — disse, embora não se sentisse assim.

Sentia que lhe faltava algo. Como se devesse regressar para junto de Bride.

Quão idiota era isso?

— Tens a certeza? — perguntou ela.

Vane conseguia sentir a sua preocupação. E isso deixava-o extremamente desconfortável. Nunca ninguém, para além do irmão e da irmã, se tinha preocupado minimamente com ele.

Cherise era uma mulher estranha.

Atirou a toalha branca com que estivera a limpar o bar para cima do ombro.

— Sabes, o meu filho é da tua idade...

Vane lutou contra a vontade de rir. Nick Gautier tinha vinte e seis anos, em tempo humano, ao passo que Vane tinha quatrocentos e sessenta. Mas claro que Cherise não fazia ideia da verdadeira idade de Vane. Tal como não sabia que o filho estava a trabalhar para os Predadores da Noite, caçadores de vampiros imortais.

— E eu sei como vocês queimam toda a vossa energia. Tens de cuidar melhor de ti, querido. Podia jurar que não tiraste um dia de folga desde que a Mamã te contratou. Porque é que não tiras a noite e te vais divertir?

— Está tudo bem — disse ele, baixinho, enquanto lhe tirava a toalha do ombro. — Eu dou conta do recado. Além disso, o Rudy disse que era o teu aniversário.

Ela deitou-lhe a língua de fora.

— Estou demasiado velha para aniversários. Além disso, preferia ver-te gozar a tua juventude enquanto ainda a tens.

— Sim — disse Kyle Peltier, o urso mais jovem, quando se juntou a eles, vindo da sala dos fundos, com uma grande grade repleta de copos lavados. Com a mesma idade de Nick, Kyle mal tinha acabado de sair da puberdade, já que os Predadores do Homem só atingiam a maturidade na casa dos vinte. — Porque é que não gozas os seis segundos que te restam de juventude, Vane?

Vane mandou-o dar uma volta, depois empurrou Cherise na direção da sua mala.

— Vai para casa, Cherise.

— Mas...

— Vai — rosnou Vane — e tem um bom aniversário.

Ela suspirou, depois deu-lhe uma palmadinha no braço.

— Está bem. — Agarrou na camisola e na mala que estavam debaixo do bar.

— Eu marco-te a saída — disse Kyle, levantando o balcão para que ela pudesse sair.

— Obrigada.

Vane começou a tirar os copos da grade e a arrumá-los, enquanto Kyle foi ajudar Wren com as mesas.

Colt Theodorakopolus aproximou-se do bar. O Arcadiano Ursulano era da mesma altura que Vane, que sentira um desagrado imediato em relação ao urso-homem. Embora, para ser sincero, Colt parecesse um tipo decente. O companheiro da mãe tinha sido morto quando esta se encontrava grávida dele. Sabendo que morreria assim que a cria nascesse, ela tinha ido ao Santuário e implorara aos Peltiers que criassem o filho por ela.

Tanto quanto Vane sabia, Colt nunca conhecera outro urso Arcadiano. Como Sentinela, Colt devia ter um dos lados do rosto cobertos por marcas de Sentinela: estranhas formas geométricas que surgiam, como se de uma marca de nascimento se tratassem, quando um Sentinela atingia a maturidade. Mas Colt, como muitos Sentinelas que viviam longe dos seus clãs ou em reclusão, preferia escondê-las, bem como aos seus poderes.

Ninguém sabia o quão poderoso era Colt até se atravessarem no seu caminho. Nessa altura, já era tarde de mais.

Um Sentinela escondido era algo muitíssimo perigoso.

Ao contrário dos outros ursos, Colt tinha cabelo preto, curto, e parecia extraordinariamente elegante.

— Dá-me um uísque — pediu Colt a Vane. — E fica com as pomadas humanas.

Vane acenou perante a frase que significava que Colt queria a bebida mais forte, que deixaria um humano completamente embriagado ao primeiro *shot*. Como a sua espécie tinha um metabolismo mais acelerado, podiam aguentar muito mais álcool.

Serviu um copo de *shot* grande, depois colocou-o no bar, em frente a Colt. Mal afastou a mão, sentiu uma estranha sensação de ardor.

Silvando, Vane soprou sobre a palma da mão. Dirigiu-se a um dos candeieiros do bar para ver o que tinha provocado aquela sensação.

Enquanto olhava, um estranho arabesco surgiu-lhe na pele, como se queimado a ferros.

— Oh, merda — sussurrou, enquanto o via tomar forma.

Colt passou por baixo do bar e aproximou-se por trás dele. Ficou de queixo caído.

— Encontraste a tua companheira? — perguntou incrédulo. — Quem é a loba sortuda?

Vane não conseguia respirar, os olhos fixos na marca. Como podia aquilo ser?

— É impossível.

Colt riu.

— Sim, pois, pareces o Serre quando encontrou a companheira dele. Confia em mim, acontece aos melhores.

— Não — disse Vane, erguendo os olhos até aos do urso. — Ela é humana. Eu sou um lobo. Não posso ser companheiro de uma humana. Não é possível.

A cor desapareceu do rosto de Colt, ao compreender todas as implicações da situação de Colt.

— És mesmo azarado. Não é muito comum um Arcadiano encontrar a sua companheira entre os humanos, mas acontece.

— Não sou Arcadiano — rosnou Vane. Não havia nada de humano nele. Nada.

Colt agarrou-lhe na mão e ergueu-a, colocando-a à frente dos olhos de Vane.

— Discute com isto tudo o que quiseres. Mas sê realista, Vane. As tuas três semanas estão a contar. Ou reclamas a humana ou viverás o resto da tua vida sem voltar a sentir o toque de uma fêmea.

— **AU!** — Bride saltou quando sentiu a mão a arder. Encostou-a contra o copo de água.

— O que se passa? — perguntou Mina enquanto pegava noutra ostra para a comer.

— Não sei — disse Bride. — A minha mão começou a doer.

Tabitha tocou no prato de Bride.
— Não há aqui nada quente. Cortaste a mão numa casca de ostra?
— Não — disse Bride, afastando a mão para olhar para ela. Na palma da mão encontrava-se um desenho belíssimo. Fê-la pensar num padrão grego. — Que raio?
Mina franziu o sobrolho ao olhar para ele.
— Fizeste uma tatuagem com hena?
— Não. Não fiz nada. Juro. Não estava aqui há cinco segundos.
Tabitha inclinou-se para olhar para a marca.
— Que estranho — disse. — E, vindo de mim, isso significa muito. Essa era uma grande verdade. Tabitha Devereaux era o epítome do estranho.
— Nunca viste nada assim? — perguntou Bride a Tabitha.
— Não. Talvez estejamos todas a ter visões. Talvez seja como a teoria de Platão e não esteja nada aí a não ser pele. Talvez só estejamos a ver o que queremos ver.
Mina fungou, enquanto deitava molho de tabasco numa ostra.
— Só porque vives num estado de constante insanidade, Tabby, isso não significa que os outros também vivam.
Bride riu.
Percorreu com o dedo o desenho na palma da mão e perguntou-se o que raio poderia ter feito aquilo.

COLT dirigiu a Vane um olhar sério.

— Ouve, eu sei que não me suportas. Mas eu cubro-te. Vai ver a tua mulher e eu tomo conta do bar por ti.

— Não preciso que tu...

— Para de ser tão teimoso — disse Colt por entre os dentes cerrados.
— Tens uma companheira por aí, Vane, e sejas Arcadiano ou Katagaria, sabes que há uma lei que nos governa a todos. A segurança da tua companheira está acima de tudo o resto.

Colt tinha razão e Vane sabia-o. O animal dentro de si já lutava com a sua metade humana. Queria a sua companheira. Exigia-a.

Normalmente as partes humana e animal do seu ser coexistiam num equilíbrio delicado. As hormonas e o *stress* podiam perturbar o equilíbrio e, nessas alturas, tornava-se realmente perigoso. Se o seu lado animal assumisse o controlo...

Muitos da sua espécie, tanto machos como fêmeas, se perderam na metade animal. Incapazes de lidar com ela, enlouqueciam e tornavam-se assassinos cruéis que matavam tudo e todos os que cruzassem o seu caminho. Era semelhante a uma infeção de raiva e não havia cura.

Era por isso que os Arcadianos tinham Sentinelas. O seu trabalho era caçar e matar aqueles que não conseguiam controlar as suas almas animais. Os caçadores. Claro que os Arcadianos eram, por norma, bastante liberais quando se tratava de chamar “caçador” a um dos da sua espécie. Quase todos os Katagaria que se atravessassem no seu caminho eram, normalmente, considerados Caçadores... com ou sem provas.

— Vai, Vane — disse Colt, empurrando-o na direção da porta.

O urso tinha razão. De nada lhe servia lutar contra a sua natureza. Era uma batalha que jamais conseguiria ganhar.

Entregou a toalha a Colt e deixou rapidamente o bar.

Na rua, Vane assegurou-se de que ninguém o conseguia ver e assumiu a sua forma de lobo. Ao contrário do irmão, ele era um lobo branco, sem manchas. Também era grande, pesando mais de sessenta quilos.

Era por isso que os seus companheiros de matilha o temiam, acima de tudo, quando na sua forma animal. Por muito poderosos que fossem, ele era mais. E não aceitava a hierarquia como os outros.

Podia ser um animal mas, no fim de contas, embora o negasse, era suficientemente humano para se recusar a seguir docilmente quem quer que fosse.

Era um alfa de nascença e todos à sua volta o sabiam.

Vane correu através das ruas de Nova Orleães, tendo o cuidado de se manter nas sombras da noite que caía. Há muito que aprendera que os humanos tendiam a supor que não passava de um cão grande, quando o viam, mas ainda assim a última coisa que queria era um tipo atrás dele para o levar para um canil.

Tinha um longo historial de encontros com o controlo animal. Nenhum deles corra bem para os humanos.

Não demorou muito a regressar a Iberville e à Acme Oyster House, onde deixara Bride. Erguendo-se nas patas traseiras para ficar à altura do vidro, espreitou para o interior onde a viu sentada com outras duas mulheres.

Uma delas tinha cabelo escuro, castanho-avermelhado, e uma cicatriz irregular que lhe marcava um dos lados do rosto. Não fora pela marca horrível, seria excecionalmente atraente. A outra era uma morena muito bonita que partilhava com a primeira feições semelhantes.

No entanto, nenhuma das mulheres magras o atraíam.

Só Bride o fazia. Vê-la provocava nele sensações intensas, fazendo-o arder de desejo. Ela podia dizer que era humana mas havia mais magia no seu sorriso do que em toda a matilha de Vane.

Era absolutamente enfeitiçante e os seus lábios eram capazes de fazer as coisas mais impressionantes ao corpo de Vane.

Ao seu coração...

As três mulheres estavam a conversar e a rir enquanto terminavam uma travessa de ostras. Nenhuma delas parecia notar algo de diferente em Bride.

Talvez ela não fosse, afinal de contas, a sua companheira.

Mas esse era um pensamento vão. A marca surgia apenas depois de um Predador do Homem ter relações sexuais com a companheira, por norma pouco tempo depois. Há meses que Vane não estava com outra mulher.

Não podia ser mais ninguém.

As marcas na mão dela deviam ser exatamente iguais às suas: eram emblemas que mostravam a sua linhagem e que só podiam ser lidos por outro da sua espécie.

Mas talvez fosse diferente, por Bride ser humana. E se a marca não fosse compulsiva no caso de uma fêmea humana?

Ficou gelado com aquele pensamento.

Estava lixado. Literalmente.

A sua única esperança de vir a ter uma família residia na sua capacidade de reclamar uma companheira.

Mas ela também o devia querer...

Bride e as amigas dela levantaram-se e dirigiram-se para a saída do restaurante. Vane agachou-se, enquanto tentava decidir o que fazer.

— Estou-te a dizer, Bride — dizia a morena, enquanto saía para o exterior à frente das outras duas, — a nossa irmã Tia consegue amaldiçoar qualquer um. É só dizeres e nós transformamos o Taylor num eunuco.

Bride riu.

— Não me tentem.

A ruiva com a cicatriz parou ao vê-lo nas sombras.

— Olá, rapagão — disse, docemente, estendo a mão para que ele a pudesse cheirar. — Queres que a Tabby te faça festas atrás da orelha?

— Tabitha! — disse a outra mulher, num tom rude. — Deixa os vadios em paz. Juro, um dia ainda apanhas raiva.

— Ele não tem raiva — disse Bride.

— Vês? — disse a que se chamava Tabitha. — E a filha do veterinário deve saber.

Bride estendeu-lhe a mão.

Vane avançou imediatamente para ela e cheirou-lhe a mão. O cheiro dela invadiu-o, penetrante e quente, juntamente com a recordação dela a entregar-se-lhe por completo. Do som do seu prazer.

Empurrando-lhe os dedos com o focinho, abriu-lhe a mão para poder confirmar os seus piores receios.

Ela estava marcada.

Maldição.

O que é que ele ia fazer agora?

— Ele gosta de ti, Bride.

Tabitha não fazia ideia do quão verdadeiras eram as suas palavras.

— Acho que ele gosta dos restos dela — disse Mina com uma gargalhada.

Bride ajoelhou-se enquanto lhe fazia festas nas orelhas. Agarrou-lhe na cabeça e examinou-o com atenção.

— Acho que é um lobo.

— Um lobo? — perguntou Tabitha. — Estás doida? Como é que um lobo entrou na cidade? Além disso, é demasiado grande para um lobo.

— És bem grande, não és? — disse Bride, enquanto Vane lhe dava narigadas no rosto. Ela olhou para a amiga. — Ao contrário do que pensa a maior parte das pessoas, Tabby, os lobos são os maiores animais na família dos canídeos. Mas acho que é capaz de ser um cruzamento de raças.

Se ela soubesse...

Bride levantou-se e partiu com as amigas.

Vane seguiu-a. Sob a forma de lobo não o conseguia evitar. A sua metade humana tinha agora muito pouco controlo. Continuava a ser capaz de compreender e de ouvir, mas o seu lado animal era dominante naquele estado.

Enquanto se mantivesse naquele corpo, era feroz e letal.

Bride sentiu um estranho arrepio na espinha. Parou e olhou para trás, por cima do ombro, descobrindo o lobo branco que a seguia. Podia jurar que os olhos dele eram de um verde-avelã, exatamente iguais aos de Vane, e a forma como olhavam para ela...

Para elas...

Era como se ele compreendesse exatamente o que estavam a dizer e a fazer.

Era mesmo estranho.

Tabitha e Mina acompanharam-na de regresso à loja.

— Tens a certeza de que não queres passar a noite em minha casa? — perguntou Mina. — Posso correr facilmente com o meu namorado.

— Ou no meu apartamento — ofereceu Tabitha. — Não tenho namorado para expulsar mas, tendo em conta que a minha irmã gémea desapareceu com o meu cão e a Allison decidiu arranjar uma companheira de quarto mais sã e segura, tenho todo o espaço do mundo.

— Pensei que a Marla estivesse a viver contigo, agora — disse Mina.

— Não — contrapôs Tabitha. — As coisas dela estão lá, mas ela tem passado o tempo todo em casa do namorado. Quase nunca a vejo.

Bride sorriu, perante a simpatia delas.

— Está tudo bem, amigas. Tenho de me voltar a habituar a ficar sozinha. A sério. Só me quero enroscar com um bom livro e tirá-lo da minha cabeça.

Mas o que mais a perturbava era o facto de lhe bastar pensar em Vane para que qualquer pensamento em relação a Taylor voasse para longe da sua mente.

Talvez o “encontro” com ele tivesse, afinal, sido uma coisa boa.

— Olha, continua a sonhar com o tipo que conheceste — disse Tabitha piscando-lhe o olho.

Bride franziu o sobrolho, perante a coincidência assustadora. Claro que Tabitha dizia ser capaz de ler mentes. E, em alturas como aquela, Bride quase acreditava que fosse verdade.

— Sim — concordou Mina. — Talvez ele volte a passar por aqui.

Bride suspirou, desejosa.

— Tenho a sensação que vi o Sr. Espanto pela última vez.

Mina deu-lhe um abraço fraterno.

— Liga-me se precisares de mim.

— Eu ligo. Obrigada.

Tabitha abraçou-a também e deu-lhe uma palmadinha nas costas.

— Lembra-te, se precisares que parta as rótulas ao Taylor, tenho a chave de rodas certa e nunca contarei aos *media* quem é que me pediu que o fizesse.

Bride riu, agradecida pelas suas amigas e pela simpatia que mostravam para consigo, naquela hora de necessidade.

— És completamente louca.

— Mas estou a falar a sério. Se mudares de ideias, liga-me logo. Consigo chegar a casa dele em menos de vinte minutos.

— Ah! — disse Mina. — Da maneira como conduzes? Chegavas lá em menos de dez minutos, com um pneu em baixo e em contramão.

Bride abanou a cabeça às amigas, que se metiam uma com a outra, enquanto tirava as chaves do bolso e abria a porta de um dos lados do edifício, que dava acesso ao pátio e às escadas de ferro forjado nas traseiras. A loja ocupava todo o piso térreo do edifício mas os três pisos superiores tinham sido convertidos em apartamentos pela avó. Além disso, havia ainda um estúdio minúsculo nas traseiras, perto da garagem, que tinha sido um celeiro em tempos idos, antes de Nova Orleães ter sido pavimentada.

Até Taylor a ter convencido a ir viver com ele, morara no apartamento maior, no último andar. Agora todos os apartamentos estavam alugados, com exceção do estúdio nas traseiras. Era tão pequeno que ela não se sentia bem a pedir dinheiro por ele. Em vez disso, Bride usava-o como armazém.

Agora ia ser o seu lar doce lar, por algum tempo.

Sentiu novamente vontade de chorar mas recusou-se a fazê-lo. Se a pior coisa que lhe tinha acontecido na vida era ter sido deixada por Taylor, então ela era realmente abençoada.

Ainda assim, doía. Profundamente.

Enquanto Mina e Tabitha se afastavam, o lobo avançou e ergueu os olhos para ela.

— És lindo, não és? — perguntou ela, estendendo o braço para lhe fazer festas nas orelhas mais uma vez.

Ele lambeu-lhe a mão, antes de se esfregar contra as pernas dela, de forma muito semelhante à que seria de esperar de um gato.

— Anda — disse ela, indicando o pátio com um aceno de cabeça. — Na verdade, não quero ficar sozinha esta noite e tu pareces estar a precisar de um sítio quente e seco para dormir.

Ele bateu com as patas no lado de dentro do portão, enquanto ela trancava a porta e avançava para o estábulo/apartamento renovado.

Com o coração pesado, Bride sentia-se grata por ainda ter aquele pequeno espaço, caso contrário teria de passar a noite num quarto de hotel. Ou, pior, na casa dos pais. Amava-os profundamente mas não estava com vontade de responder às suas perguntas ou de ver a expressão de desilusão no rosto da mãe enquanto se lamentava pelo facto de Bride não se ter casado, queixando-se que não viria a ter mais netos.

Pelo menos numa casa sua teria algum conforto.

Talvez.

Bride abriu a porta e acendeu as luzes. Felizmente, a água e a eletricidade daquele apartamento continuavam ligadas, já que partilhavam os canos e cabos que forneciam água e luz à loja.

O lobo hesitou enquanto olhava para os cerca de trinta metros quadrados de caixas e obras de arte.

— Oh — disse ela, em tom brincalhão, — estás armado em esquisito, há?

Se não soubesse melhor, poderia jurar que ele tinha abanado a cabeça, antes de entrar e começar a meter o focinho nas suas caixas.

Depois de trancar a porta, Bride dirigiu-se à secretária coberta de pó e largou as chaves sobre ela. Depois tirou o lençol que cobria o sofá e tossiu ao libertar uma quantidade mortal de bolas de algodão.

— Odeio-te mesmo, Taylor — disse baixinho, enquanto fungava. — Espero que te engasgues com a tanga da tua nova namorada escanzelada.

Como se sentisse a tristeza dela, o lobo aproximou-se e encostou-se-lhe às pernas. Bride deixou-se cair ao chão e puxou-o para si, envolvendo-o num abraço apertado.

O lobo não se queixou, de todo, enquanto ela deixava que as suas

lágrimas lhe caíssem sobre o pelo branco. Ele ficou sentado, imóvel, com a cabeça no ombro dela, enquanto ela era invadida pela dor.

Como podia ter sido parva ao ponto de pensar, por um minuto que fosse, que amava Taylor? Porque é que lhe tinha dedicado tanto da sua vida e do seu tempo, quando ele só a estava a usar?

Estaria ela tão desesperada por amor, a ponto de mentir a si própria sobre ele?

— Só queria alguém que me amasse como sou — sussurrou ao lobo.
— Isso é assim tão errado?

Vane não conseguia respirar, enquanto Bride o segurava num aperto mortal e as palavras dela o rasgavam. Pior, compreendia exatamente o que ela queria dizer. Rejeitado por todos, exceto o irmão e a irmã, sabia que a única coisa que o salvara de se tornar um lobo ómega na matilha tinha sido a sua predisposição para matar todos os que tentassem transformá-lo, ou a Fang, em bodes expiatórios.

Sempre que alguém tentava implicar com eles, Vane respondia na mesma moeda e, ao atingir a idade adulta, tinha crescido de tal forma que mais ninguém se atreveu a desafiá-lo.

Nem mesmo o pai.

Como é que alguém podia magoar Bride daquela forma? O coração dele batia loucamente, enquanto o seu lado de lobo ansiava pelo sangue do homem que a fizera chorar.

Não compreendia que tipo de homem a podia deixar partir. A sua espécie, quando encontrava um companheiro, criava um laço eterno. Inquebrável.

E, agora que tinha a confirmação de que ela era a sua companheira predestinada, a honra exigia que a protegesse até que ela terminasse o ritual de acasalamento, aceitando-o, ou partissem cada um para seu lado.

A última hipótese não a afetaria, de todo. Mas, como lobo, ele nunca mais seria capaz de ter relações com outra fêmea enquanto Bride fosse viva.

Isso era algo que não podia aceitar de forma nenhuma. Vane Kattalakis não fora feito para o celibato forçado. A ideia de passar as décadas seguintes impotente eram suficientes para que sentisse vontade de magoar alguém.

Mas como podia uma mulher humana aceitar um animal como seu companheiro?

Malditas fossem as Parcas por aquilo. Eram cabras maldosas que viviam apenas para fazer os outros sofrer.

O telefone tocou. Bride soltou-o e foi atender a chamada, enquanto Vane vasculhava a divisão pequena e atulhada. Era um local desconsolado.

— Olá, Tabby. — Bride puxou o lençol de cima de uma mesa e atirou uma caixa para o chão.

Vane ganiu e desviou-se dela.

Bride deu-lhe uma palmadinha na cabeça, depois afastou a caixa.

— Não precisavas de fazer isso, sabes? — Ele sentia que ela estava um pouco irritada com a amiga mas, no fundo, parecia contente. — Está bem. Vou descer para te abrir a porta.

Bride desligou o telefone, depois agarrou nas chaves e abriu a porta. Vane seguiu-a para o exterior; ela abriu o portão de ferro forjado para deixar entrar Tabitha, que se erguia do outro lado, no pátio, com um carrinho de compras cheio de sacos.

— Deus do Céu! — disse Bride ao ver os sacos. — O que é que fizeste? Tabitha encolheu os ombros.

— Pequenos confortos de que todas as mulheres necessitam. — Entregou a Bride um *pack* de Corona Light, depois empurrou o carrinho para dentro.

Bride trancou a porta e seguiu Tabitha.

Vane acompanhou-as.

Uma vez no interior do pequeno apartamento, Tabitha sorriu-lhe.

— Tinha a sensação de que estarias aqui.

Retirou um osso do saco que estava por cima e desembrulhou-o.

Ele fez uma careta interior quando ela o pousou no chão. Não havia a mínima hipótese de espetar o dente naquilo.

O seu olhar foi para Bride. Ela era o único brinquedo de roer em que estava interessado.

Bride estava de pé com as mãos nas ancas.

— Tabitha...

— Não comeces, Bride. Como membro recente do Clube das Mulheres que Não Têm Homem Nem Querem Voltar a Ter, sei que a última coisa de que precisas é de passar esta noite sozinha. — Retirou de um dos sacos um conjunto de lençóis de seda.

— O que é isso?

— Já te disse, pequenos confortos. Temos aqui tudo o que precisamos. Donuts Krispy Kreme, cerveja, soda, cornucópias com *chantilly*, batatas fritas, molhos e DVD cheios de gajos bons em número suficiente para afundar o *Titanic*. Está na hora de um festival repleto de gajos bons que não te podem partir o coração. — Tabitha entregou-lhe um pequeno saco.

Bride abanou a cabeça.

— Obrigada, Tabby. Agradeço, realmente.

— Sem problemas.

Vane sentou-se enquanto Tabitha ligava a televisão e o leitor de DVD e Bride abria as caixas onde guardara o serviço de pratos e os talheres.

— Fico feliz por ter guardado isto tudo — disse Bride enquanto sacudia o pó de uma caixa e a colocava em frente da televisão para servir de mesinha de centro. — O Taylor não queria que eu misturasse as minhas coisas com as dele. Devia ter percebido logo nessa altura, não é?

Vane teve de usar toda a sua força de vontade para se manter sob a forma de lobo. Queria tanto aliviar a dor dela, mas não se atreveu. Especialmente com Tabitha ali.

— Não penses nisso, querida — disse Tabitha, enquanto tirava a carga de uma cerveja, com as mãos, e a entregava a Bride. — Nunca vemos as coisas que não queremos ver. Sabes? Vê as coisas pelo lado positivo, pelo menos o teu namorado não te deixou porque és maluca.

— Tu não és maluca.

Tabitha deu uma gargalhada de descrença.

— Sim, pois. Tirando a Amanda, a árvore da minha família só gera maluquinhos e doidos varridos. Mas pelo menos somos divertidos.

Bride dirigiu-lhe um olhar de censura.

— A Mina sabe que dizes isso?

— A Mina? É ainda mais louca do que eu. Já viste a coleção dela de *kits* antigos de caça ao vampiro? Juro que foi ela quem fez aquela oferta anónima à Sotheby pelo *kit* de caça ao vampiro do virar do século.

Tabitha enfiou na boca um donut inteiro e engoliu sem mastigar.

Bride torceu o nariz àquele gesto.

— Por favor, diz-me como te consegues manter assim tão magra a comer da maneira como comes. Eu não como nem meia Pop-Tart e ganho logo quinze quilos. Juro que já te vi a comer mais esta noite do que aquilo que como durante uma semana inteira.

Tabitha lambeu o açúcar dos dedos.

— Pareces a Amanda.

— Porque é que ela haveria de dizer o mesmo? Vocês são gémeas e ela é tão magra como tu.

— Sim, mas tem mais uns sete quilos que eu e odeia-me por isso. Não sei porque é que vocês se queixam, pelo menos têm mamas, eu tenho o corpo de um rapaz de doze anos.

Bride escarneceu.

— Troco contigo quando quiseres.

Vane rosou. A última coisa que queria era uma companheira magra. Não havia nada de errado com Bride e se estivesse na sua forma humana, mostrar-lhe-ia o que é que as suas curvas exuberantes lhe faziam.

Infelizmente, primeiro, precisava que a amiga dela se fosse embora.

— Passa-se alguma coisa, rapaz? — perguntou Tabitha, aproximando-se dele.

Ele trotou para junto de Bride.

Tabitha ficou de boca aberta.

— Bem, acabei de levar com os pés do Benji. Caramba. Acho que arranjaste um amigo para toda a vida, Bride. Espera só até ele descobrir que o teu pai é o rei do “se o amas, capa-o”.

Vane encolheu-se, contra sua vontade.

Eles não se atreveriam.

— Chiu, Tabby, ainda o assustas. — Olhou para ele enquanto lhe fazia festas no queixo. — Mas tens razão, ele ainda não foi arranjado.

E podiam ter a certeza de que não ia ser.

— Talvez o devesse levar ao meu pai, amanhã, e pedir-lhe que desse uma olhadela.

— Então vais ficar com ele? — perguntou Tabitha.

Bride levantou a cabeça dele, para o poder olhar diretamente nos olhos.

— O que achas, Sr. Lobo? Queres ficar comigo durante algum tempo?

Ela *não* fazia a mínima ideia. Se ele conseguisse o que queria, tornar-se-ia uma aquisição permanente.